



DIRECTOR: CARLOS NUNO VAZ • ANO LXX – N.º 1392 • 1 de MAIO de 2016 • Preço Avulso Euros 1,50 • Assinatura Anual: Portugal 20 Euros – Estrangeiro 25 Euros

www.calvolima.com

IMOBILIÁRIA LIDER NO VALE DO MINHO

Calvolima
Imobiliária

MELGAÇO
MONÇÃO
VALENÇA
P. COURA

CERVEIRA
CAMINHA
MOLEDO
ÂNCORA

VENDE ARRENDA TRESPASSA

T. 251 654 924

DEVESAS - 4400 V. N. GAIA
Autorização para circular em invólucro de plástico fechado N.º DE02192004DCC

Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior inaugurou Festa do Alvarinho

págs. 18 e 19



O Pomedelo coberto de neve nos primeiros dias de Abril



MÊS DE MAIO É MÊS DE MARIA E MÊS DA MÃE



*Mãe:
Fonte de Amor
Bálsamo na Dor
No Céu, Alegria!*

Escola Primária da Vila vai receber Arquivo Municipal

pág. 13



A Voz de Melgaço já tem site

pág. 3

Cevide tem poema e música

pág. 7

Associação humanitária dos Bombeiros Voluntários distinguida

pág. 9

Por Sistelo com São Motinha

págs. 10 e 11

Executivo camarário vai contactar a realidade concelhia "in loco"

pág. 12

Dy Michaelys o restaurante que atrai e desafia

págs. 7 e 14

Santa Casa e Município celebraram o 25 de Abril

págs. 15 e 27

"Um Dia pela Vida" e também pela união de povos ibéricos

pág. 16

Melissa Alves comanda um avião de recreio

pág. 17

Jorge Ribeiro eleito para 2º mandato no PSD

pág. 28

OZONOTERAPIA

TRATAMENTO FEITO PELA ADMINISTRAÇÃO DE OXIGÉNIO E OZONO

Efeitos benéficos para o organismo, sobretudo para tratamento das dores osteomusculares e úlceras originadas por má circulação e diabetes.

Tem efeito oxigenante, revitalizante, anti-oxidante, regenerador, anti-álgico e anti-inflamatório.

Experimente e verá que ultrapassa as melhores expectativas.

MÉDICO:
Doutor José António Marques Magalhães
ESPECIALISTA EM MEDICINA INTERNA
UNIVERSIDADE DE UCLA - LOS ANGELES - EUA



Quartas-feiras, de quinze em quinze dias:

Rua de Santiago, 51 | MELGAÇO | Tel.: 251 404 002

POPULAÇÃO COMPARECEU À CERIMÓNIA INAUGURADA CASA MORTUÁRIA DE CHAVIÃES E PAÇOS

Presidente da Câmara elenca saneamento em Paços como a próxima prioridade

Foram muitos os populares que se associaram à inauguração da Casa Mortuária de Chaviães e Paços, presidida pelo Presidente da Câmara Municipal, Manoel Batista, acompanhado pela Vice-Presidente, Maria José Pinho. "Esta obra é um exemplo de como se pode fazer bem com pouco dinheiro. Estamos perante um projeto onde o engenho e o empenho foram postos ao serviço da população", referiu Manoel Batista, garantindo ser obrigação da câmara municipal empenhar-se na concretização dos anseios da população. Perante os presentes garantiu que em maio, e aproveitando a abertura de linhas de apoio de fundos comunitários, vai ser apresentada uma candidatura para que o saneamento seja uma realidade em Paços. O presidente da câmara relembrou a conclusão das obras de abastecimento de água em Paderne e o saneamento em S. Paio como exemplos do empenho do atual executivo.

Manoel Batista agradeceu a presença de todos neste momento de grande significado para a freguesia, sem esquecer de refe-



rir que esta obra era também um sonho do anterior presidente de junta, José Augusto Rodrigues, presente na inauguração. Depois de enaltecer a maneira de ser e de estar do pároco da freguesia, o presidente da câmara apontou o Centro Social e Paroquial como outro bom exemplo de um projeto de grande impacto na sociedade de Chaviães e Paços.

Também o presidente da junta dirigiu umas breves palavras à população, congratulando-se com a concretização do investimento que foi catalogado de primeira necessidade assim que assumiu a presidência da junta de freguesia. Recorde-se que a construção da Casa Mortuária ocorreu no antigo edifício onde 'leccionou' o infantário de Chaviães. Requa-

lificado e adaptado, pretendeu-se criar condições de utilização com o objetivo de o espaço possuir o conforto necessário ao uso pretendido. 'Era muito incómodo para as pessoas não terem um espaço assim. Os velórios aconteciam na Igreja e em casa das pessoas. Este edifício é uma mais-valia para freguesia', considerou o Presidente de Junta de Chaviães, Amadeu Esteves.

Para o efeito foi criado um espaço único de câmara-ardente, podendo ser adaptado para dois compartimentos autónomos caso se justifique. Também ao nível dos sanitários, foram criadas as condições necessárias à utilização por pessoas com mobilidade reduzida, assim como instalações simples. Também foi

instalado um sistema de climatização quer de ar quente quer de ar frio de forma a dar melhores condições de bem-estar aos utilizadores. O espaço exterior foi intervencionado procurando dotar o recinto com acessibilidades confortáveis e funcionais, quer para as pessoas quer para os veículos fúnebres.

O pároco da freguesia, Manuel Domingues, após a bênção, deu os parabéns à junta e à autarquia pelo esforço conjunto para a concretização de tão importante obra para toda a freguesia.

Os nossos amigos e os 70 anos do jornal

É já na próxima edição de Junho que, querendo Deus, fazemos 70 anos de vida como Voz da nossa querida terra de Melgaço. Celebraremos na intimidade com os nossos leitores, colaboradores e anunciantes, procurando que seja uma edição que de facto orgulhe a nossa terra. Lembraremos quem foi o principal inspirador, o Padre Carlos, falecido também num dia 1 de Junho de há 44 anos. Ele e o padre Júlio, que o dirigiu até que a saúde lho permitiu, e o cónego António Luís Vaz, que se encarregou até 1971 da administração e que sempre o apoiou e incentivou, colaborando também com os seus textos, estão já junto de Deus a interceder para que possamos continuar com esta obra que também é obra de Deus. Isso mesmo nos referiu em email recente o Dr. José Rodrigues Lima: «sim, a

minha colaboração deve-se, para além de vivências e memórias do passado e dos contactos com os padres Vaz, ao espírito que nos une e ao bem que o vosso jornal concretiza».

Creio que muitos dos nossos prezados leitores subscrevem as palavras de Emília Cordeiro de F. Pereira de Araújo, a residir no Cacém, a acompanhar um cheque de 100 euros para pagar adiantado vários anos: «O jornal está muito bom. Parabéns e felicidades». Foi o que nos disse o colega de escola e bom amigo António Domingues, a residir em Dume, Braga e pagando 2017 adiantadamente. O mesmo exprimiu o cónego Doutor José Marques, prezado colaborador e amigo. Também o senhor António de Lurdes Ribeiro, de Gaia, pagou já 2017.

O mesmo fizeram ultimamente: Constantino Augusto da Silva, de Paderne; Gonçalves David, de Tremblay, França; Manuel José Gomes, de Chaviães; Maria Luísa Domingues Lopes, de Melgaço, Mariana da Rocha Domingues, de Lisboa; Maria Luísa Lopes, de Montgeron, França; Filipe Meleiro, de Nice, França; o casal Domingues, de Vilepinte, França, adiantando já o pagamento de 2017 e 2018. São assinantes assim que fazem com que as coisas se vão compondo, pois nos ajudam a superar as dificuldades que nos trazem aqueles assinantes que têm dois ou mais anos de atraso. A estes pedimos encarecidamente que façam tudo por pôr a assinatura em dia. Seria uma ótima prenda de aniversário.

Carlos Nuno

PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«JORNAL A VOZ DE MELGAÇO, LDA.»
Largo da Senhora-a-Branca, 105;
4710-926 BRAGA
jornal.vozmelgaco@gmail.com
Telef. 253 214 284
Contribuinte n.º 502668636

IBAN: PT50 0018 0000 28639224001 05

Gerência:

Carlos Nuno Salgado Vaz e
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:

Carlos Nuno Salgado Vaz, Maria do Rosário Salgado Vergara Vaz, Júlio Nepomuceno Vaz, António Luís Vaz e Manuel Luís Vergara Vaz, 20% cada.

PRÉ-IMPRESSÃO:

Candeias Artes Gráficas
Rua Conselheiro Lobato, 179
4705-089 BRAGA

IMPRESSÃO, ACABAMENTOS E EXPEDIÇÃO:

Empresa Diário do Minho, Lda. - Braga
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:

Portugal - 20 Euros
Estrangeiro - 25 Euros

A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105
4710-926 BRAGA

Tel./Fax: 253 214 284

E-Mail Geral

jornal.vozmelgaco@gmail.com
Site: www.vozdemelgaco.pt
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:
n.º 163455/01

Registo de Imprensa
n.º 101960

Tiragem deste número
1.900 ex.

Director

Carlos Nuno Salgado Vaz,
Cartão de Jornalista, n.º TE 889

Editor

Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção

Júlio Nepomuceno Vaz
Manuel Luís Vaz

Correspondentes

João Martinho Silva - Melgaço
Moisés Costa - Melgaço

Colaboradores:

Abílio Francisco Conde - Melgaço
Alberto Magno P. Castro - Valença
Alcídio Silva Figueiredo - Porto
Álvaro Carvalho - Braga
Ana Cristina Costa - Braga
António Jorge Tavares - Açores
Armanda Urze - Melgaço
Arménio Augusto de Melo - Braga
Armindo Vaz (Dr.) - Macau
Arturo Diaz (Dr.) - Barcelos
Gaspar Caldas - Melgaço
Helena Matos - Braga
José Afonso Marques - Orense
José Armando Monteiro (Dr.) - Faro
José Marques (Cónego e Doutor) - Braga
José Rodrigues Lima (Dr.) - Viana
Júlio de Sousa Domingues (Dr.) - Monção
Manuel Félix Igrejas - Brasil
Manuel Fernandes (Dr.) - Braga
Manuel José Pereira - Penso
Manuel Luís Vaz (Eng.) - Melgaço
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) - Brasil
Maria Ester Taveira (Dra.) - Braga
Maria José Lobo Elias (Dra.) - Lisboa
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) - Braga
Maria Teresa Tábuas (Dra.) - Leiria
Pe. Manuel Domingues - Chaviães
Olinda Carvalho (Dra.) - Lisboa
Ramiro Lima Cerqueira - Melgaço

Membro da:

AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

ESTILOS II na Casa da Cultura

Exposição colectiva de artistas amadores volta à galeria de 11 de Maio a 4 de Junho



Três anos depois de ESTILOS, a primeira apresentação artística colectiva de obras de melgacenses, a exposição ESTILOS II volta a juntar na Casa da Cultura o grupo de criadores das obras da primeira exposição, mas soma-lhes mais alguns.

Eduarda Castro, Manuel João Afonso, Isabel Domingues, Ondina Esteves, Marina Gonçalves, Alice Gomes, Jorge Cunha e Fernando Pereira apresentam, de 11 de Maio a 4 de Junho, na galeria, as suas criações artísticas sobre diversas expressões. O processo criativo dos oito artistas amadores trabalhou recorreu aos mais diversos materiais, desde pinturas em tela a esculturas e trabalhos em metal.

A exposição será inaugurada no dia 11 de Maio, pelas 17 horas, na Casa da Cultura de Melgaço.

O jornal "A Voz de Melgaço" já tem site!



Ainda estamos em fase de ajustes, mas já pode aceder e ver alguns conteúdos exclusivos da edição online do jornal "A Voz de Melgaço" em www.vozdemelgaco.pt

Demos os primeiros passos por altura da 22ª Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço, mas queremos ser também uma solução dentro das novas tecnologias, sem abandonar o formato que nos deu 70 anos de história.

Iremos agilizar da melhor forma a plataforma online e aperfeiçoar o funcionamento, mas enquanto já pode consultar e dar a sua opinião. Brevemente teremos mais notícias!




Na
Esthetic Smile

**Ao fazer seu implante com Cirurgia Guiada
receba um sistema de higiene oral:
IRRIGADOR WATERFLOSSER**






MEDICINA DENTÁRIA
Implantes com Cirurgia Guiada
Sedação Consciente
Radiodiagnóstico em 3D (TAC, Tele e Ortopantomografia)
DSD (Dental Smile Design)
Estética Facial (Toxina Botulínica e Ac. Hialurónico)
Ozonoterapia
Plasma e Fatores de Crescimento
Banco de Ossos
Tratamentos Convencionais



+351 251 404 002
antoninohebe@sapo.pt

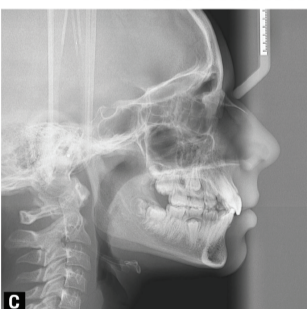
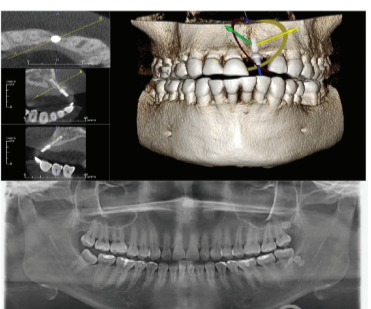
Custa menos Sorrir Melhor!!!!
Travessa de Santiago nº 67
4960-613, Melgaço

Visite-nos também no [Facebook](https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaco): <https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaco>





2016
Ano de Prevenção
e Rastreio

**Durante todo o ano de 2016
Preços especiais em
Radiodiagnóstico na
Esthetic Smile**

MEDICINA DENTÁRIA
Implantes com Cirurgia Guiada
Sedação Consciente
Radiodiagnóstico em 3D (TAC, Tele e Ortopantomografia)
DSD (Dental Smile Design)
Estética Facial (Toxina Botulínica e Ac. Hialurónico)
Ozonoterapia
Plasma e Fatores de Crescimento
Banco de Ossos
Tratamentos Convencionais



+351 251 404 002
antoninohebe@sapo.pt

Custa menos Sorrir Melhor!!!!
Travessa de Santiago nº 67
4960-613, Melgaço

Visite-nos também no [Facebook](https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaco): <https://www.facebook.com/estheticsmilemelgaco>

MEMÓRIAS (VII)

O Aterro Sanitário

Uma das "crianças" que o Executivo que me precedeu me deixou nos braços, além de uma dívida assustadora e uma péssima imagem pessoal e municipal, foi a construção do aterro sanitário, absolutamente necessário, mas alvo de muita polémica, (como são todos os aterros sanitários) sobretudo por parte de S. Pedro da Torre em cujos montados do Arraial estava previsto ser construído e dos proprietários dos terrenos adquiridos havia muitos anos por remissão dos aforamentos. Havia, por outro lado, a mera discussão política porque se entendia que ele devia ser construído em qualquer outro lado, menos, evidentemente, em Valença... Mas havia a indicação de que devia ser construído aqui devido à sua centralidade do local referido e melhores acessos, como o provavam os estudos efectuados pelo Instituto de Viana do Castelo convidado para fazer o respectivo estudo. Para sensibilizar os "deputados" da Assembleia Municipal foram feitas visitas a outros aterros como, por exemplo, a Oviedo, na Galiza, e a Matosinhos, ouvido técnicos, etc. Mas nada disso comovia os ditos elementos. Os presidentes das Câmaras do Vale do Minho, por seu turno, faziam depender dessa viabilidade duas outras importantes decisões para Valença (uma Escola de Ensino Superior e um Parque de Actividades Industriais). Diziam eles: vocês querem a Escola Superior e o Parque Industrial, mas não querem o aterro sanitário... Havia ainda um outro pequeno problema: o meu antecessor era o presidente da Comissão Política do partido pelo qual eu concorrera como independente, e, embora não o dissesse, não estava nada disposto a facilitar-me a vida, (ele pretendia recandidatar-se), havendo, até, uma ligação muito estreita entre ele e o presidente da Junta de S. Pedro da Torre, principal oponente a essa ideia. Aquele era agora adepto de um circuito de Karting no mesmo local do aterro. Era o cúmulo do cinismo e da perversão...

Como me competia, indiferente a pressões, nomeadamente dos meus colegas do Vale do Minho, que queriam ver resolvido o assunto, estudei todos os dados do problema, ouvi muitas pessoas e cheguei à conclusão de que a solução da construção do aterro no local indicado era mesmo a mais acertada. Uns tempos antes, a Câmara, por indicação da Assembleia Municipal, encomendou um estudo ao seu advogado que ouviu o projectista, professor do Instituto de Viana do Castelo, o qual declarou que se aquele local fora escolhido fora por indicação do próprio presidente da Câmara na altura, meu antecessor, pois ele nem sequer o conhecia. Também havia o testemunho fidedigno de que o anterior presidente de Câmara sempre dissera nas reuniões com os seus colegas, nomeadamente no Gabinete de Apoio às Câmaras do vale do Minho, que a construção do aterro sanitário não era problema, pois o próprio presidente de Junta faria o que ele dissesse. Foi, por isso, marcada a sessão da Assembleia, e, na véspera, o presidente do partido, e meu antecessor, marcou uma reunião de todos os elementos da Câmara e da Assembleia afectos ao partido para uma reunião numa casa em Verdoejo. Como me competia preparei-me convenientemente para tal reunião. Entretanto, na perspectiva da reunião da Assembleia, e como me competia, fiz o trabalho de casa: contactei, um por um, todos os presidentes das Juntas, o representante de outro partido representado na Assembleia - numa palavra "contei as espingardas", contagem essa que era inteiramente favorável à minha posição. Houve até um presidente de Junta que, tendo sido pressionado por um médico a quem devia um grande favor, me disse que iria abster-se. E, por isso, na reunião, para a qual não fora convocado o presidente da Junta de S. Pedro da Torre (como quem diz: tu não és preciso, que resolvo o assunto em dois tempos), quando

o presidente do partido se preparava para dar instruções - ele que durante ano e meio, que era o meu tempo de mandato, nunca reunira e, para aquela reunião, até se esquecera de levar os óculos - eu pedi a palavra e, sem papas na língua, disse tudo o que tinha a dizer, desmontando todo o esquema, invoquei o testemunho de pessoas presentes que conheciam anteriores afirmações favoráveis ao aterro sanitário feitas por ele e avisei que se daquela reunião saísse qualquer instrução para votação contrária e, apesar disso, a instalação do aterro fosse votada favoravelmente, eu cá estaria para tirar as devidas conclusões. E a reunião terminou, (eram quase vinte e quatro horas) sem qualquer conclusão.

No dia seguinte, às sete e meia da manhã, como era meu hábito desde que assumira o mandato, (com espírito de Missão) estava no meu Gabinete. Às nove e meia, realizou-se a sessão da Assembleia e depois da minha intervenção, quando chegou a hora de votar o documento preparado pelo advogado do Município, perguntada se a leitura do mesmo devia ou não ser votado por voto secreto, a Assembleia, por esmagadora maioria, decidiu que seria por voto secreto.

Respirei fundo. Tive então o firme pressentimento que a votação final iria ser favorável à minha tese. Por isso, no almoço, sozinho, num restaurante local, findo o repasto, pedi um uísque e fumei, regaladamente, uma cigarrilha - coisa que já não fazia há ror de anos. Esta era uma saborosa vitória pessoal, inteiramente minha, que eu jamais poderia esquecer e que tinha que ser devidamente festejada... Como de facto, da parte da tarde, feita a votação a construção do aterro sanitário, na área de Valença, tal como tinha sido projectado foi aprovada por larga maioria. E com isso a perspectiva de um futuro risonho, não só para a localidade, mas para todo o vale do Minho, de que, aliás, se estão já a ver os resultados....

Alberto Pereira de Castro

XXIV Congreso Internacional de Periodismo Especializado en Caza, Pesca, Medio Ambiente y Turismo Rural y de Aventura

PERIODIPESCA

24
2016

MUROS - A CORUÑA
Del 29 de ABRIL al 2 de MAYO

ORGANIZA PATROCINAN COLABORAN

PERIODIPESCA XUNTA DE GALICIA Presidencia Xunta para o Turismo Dirección Xeral de Conservación da Natureza Consello de Muros CASA RURAL "La del alca serra"

Agradecemos muito sensibilizados, a oferta de alvarinho, com vista à realização de prova de vinhos, no decorrer do evento, este ano na linda Vila de Muros/Galiza.

A Saber:

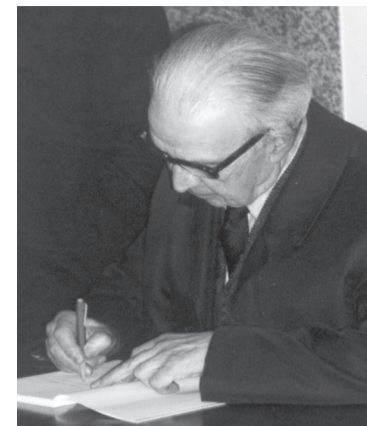
1. CASA DO CERDEDO.
2. SOLAR DE SERRADE, C/ Espumante, Turismo Rural e Salão de Convívios.
3. ANSELMO MENDES - VINHOS, c/ Muros de Melgaço; Muros Antigos.
4. QUINTA DE ALVAIANAS, c/ Espumante e Coto de Santana;
5. QUINTA DAS PEREIRINHAS, c/ Foral de Monção;
6. CASTA BOA;
7. ADEGA DO SOSSEGO, c/ Espumante, e Restaurante Típico;
8. QUINTA DO SOALHEIRO, c/ Espumante e Fumeiro (porco vísaro...);
9. QUINTA DO REGUEIRO, c/ Turismo Rural e Salão de Convívios;
10. QUINTA DA CHEIRA,
11. M.Q. - VALE DOS ARES
12. QUINTA DA TEIMOSA; - C/ MILAGRUS, e Turismo Rural.



A produção escrita de António Luís Vaz

CIVILIZAÇÃO EM PERIGO – Capítulo II

Lama e Sangue



Quando Frei João de S. Tomás nasceu, em 1589, o protestantismo alucinava os espíritos. O rastilho queimara-se e a detonação fizera-se ouvir em toda a parte.

Lutero, Calvino, Zuínglio eram os tradutores reais das muitas ideias que tumultuavam nas almas, desde longa data.

Podiam morrer descansados: a obra seguiria cada vez mais volumosa, em trágica efervescência, por toda a Europa, quicá por todo o mundo, se não fosse a barreira dos Pireneus.

Tinha bom padrinho afinal: a política, sempre hábil em servir-se das oportunidades, tomara-o a seu cuidado, favorecendo-lhe o esplendor.

Não tardaria a guerra dos Trinta Anos. A Suíça vira parte do território invadido pelo zuínglianismo, após renhido combate em que pereceu o fautor da heresia. Calvino tinha desaparecido, não sem vingar estabelecer nova doutrina, devido à sua mão de ferro e à bela organização, que a tornaram possível.

O calvinismo jogava em França, por essa ocasião, a última cartada. Henrique, de nome o quarto, marchava sobre Paris, não obstante a oposição de três quartas partes da nação, e de lá promovia a assinatura do Édito de Nantes.

Na Inglaterra, onde a rainha Isabel pulverizava as tentativas de resistência católica, alastrava a apostasia oficial. Desviando-se da Europa, ia procurar em terras distantes as bases dum novo império.

A Escócia abandonava Roma, a despeito dos esforços de Maria Stuart para a deter na fuga.

A Irlanda estava a pagar caro a firmeza das suas convicções religiosas. Com ódio feroz, sem émulos na história, o protestantismo inglês excrucia-a de tormentos, com o objectivo de a levar aos braços da heresia.

A Holanda furtara-se ao jugo espanhol e traçava, por si mesma, o caminho do futuro. Nova e audaz, de face voltada ao mar, ouviu-lhe o apelo e fez-se ao largo. Sonhara um grande império: ia-o realizar...

Os países escandinavos cortavam as relações com a Santa Sé. A Polónia e a Hungria mantinham duros combates ideológicos – onde pontificavam os jesuítas – a fim de impedir o avanço do erro. Esta última, porém, não pôde obstar a que a Transilvânia caísse vítima dele.

A própria Itália era teatro de lutas filosófico-teológicas renhidas e vários heresiarcas, dos mais famosos, lançaram a fogueira do ódio religioso nos vergéis da terra de César.

E, para cúmulo, o turco rugia para além da fúria iconoclasta da guerra.

Tudo predizia catástrofe iminente...

Não obstante, reunira-se o Concílio de Trento: a Contra-Reforma estava em curso.

Paulo III escolhera homens capazes de levar a cabo uma profunda revolução nos costumes e

na doutrina. Aprovevara três novas ordens religiosas, entre elas, a dos jesuítas. Um frémulo de esperança corria de lés-a-lés.

Paulo IV instituíra uma Congregação destinada a promover a reforma geral.

São Pio V desmentia, pelo exemplo, a acusação dos luteranos relativamente ao fausto que diziam brilhar na corte do Romano Pontífice. Piedoso, austero e humilde, empreendeu várias reformas e assim pôde trazer a confiança aos espíritos serenos.

Gregório XIII fez a revolução no ensino: favoreceu ao máximo o desenvolvimento da ciência católica. Fundou a Universidade Gregoriana, os Colégios Germânico e Húngaro, na cidade eterna, além de muitos outros, em toda a Europa.

Perante o caos dos erros, afirmar-se-ia a ordem e a sábia disposição da doutrina católica.

Sisto V, esplêndido administrador, de par com a reforma material da cidade eterna, favoreceu outras no governo temporal da Igreja.

O turco era batido pelas forças peninsulares, mas o perigo continuava forte e iminente, ninguém diria que sem motivos...

Embora o Concílio de Trento procurasse instaurar uma Nova Ordem religiosa, a verdade é que não achou, por parte dos governantes, mais agarrados à política do que à verdade, a coragem viril, a audácia moral, suficientes para levar a bom termo a reforma empreendida.

Só a Península – Portugal e a Espanha (esta com certa reserva...) – acudiu generosamente, desinteressadamente, a ajudar os passos arriscados a medo por entre o cachoar das refregas.

Só eles acorreram ao chamado da Igreja e por ela se bateram com bravura e dureza, pelo espaço de dois séculos, tempo suficiente para construir dois impérios, mas não o bastante para extirpar as raízes do erro. Antes, foi este que ressurgiu mais esplendoroso e triunfante que outrora.

Vale a pena destacar a acção da Península no combate à heresia, o mesmo é que na defesa da Europa.

A civilização ocidental refugiou-se no extremo do continente e daí fez um apelo aos homens de boa vontade. Pena foi que lhe não tivessem dado ouvidos.

Salientando o esforço hercúleo dos peninsulares, não queremos somente lembrar o passado; queremos chamar a atenção para o presente, já que tanto se parecem a Europa de hoje e a de seiscentos.

Hoje, como no tempo de Frei João de S. Tomás, ela está dividida, esfarrapada, exausta por uma guerra dura e louca.

Como nessa época distante, um mundo de erros baralha as ideias e não deixa ver claro os novos caminhos do porvir.

Como nesse momento crucial, mais que a imoralidade, que o baixo nível de costumes, que

o espírito pagão restaurado, que a frivolidade dos homens, que o cisma do ocidente, que os abusos verdadeiros ou falsos, que o ódio à Igreja Romana, que todas as grandes causas do erro, foi sobretudo a ignorância das grandes teses da Escolástica, o esquecimento das sínteses luminosas de S. Tomás e de Lombardo, a hiper-crítica do escol intelectual, que determinaram a queda no abismo.

Felizmente, para bem da Europa, a crise veio juntamente com o esplendor cultural da Península. Para nós, os séculos XVI e XVII são, por antonomásia, o Grande Século: o Século de Ouro...

Navios portugueses cruzavam os mares, braços de velas enfunados, erguidos ao alto, corações de marujos a sonhar feitos heroicos e todo um país, à recta-guarda, em quarto de sentinela, de olhos postos no Oriente e no Brasil.

O Infante acastelara projectos, Portugal adivinhara o que a Providência lhe reservava, na hipótese de seguir o conselho do eremita de Sagres.

Sobejavam homens que tornassem possíveis as quimeras do sonhador.

Era indispensável dar-lhes realidade...

A. Luís Vaz
B.

Crónicas do Delfim

Sabes apaixonei-me!

Pois é, e o pior é que é por ti...pois por ti.

Tenho que transformar o improvável em provável.

Tenho que transformar o impossível em possível.

Tenho que transformar a amizade em amor.

Tenho que transformar o sentimento fraternal em sentimento de desejo.

Pois é, e poderia continuar a enumerar o que teria que transformar para te apaixonares por mim. Do mesmo modo que o meu. Não do teu modo.

Entre o apaixonei-me e o apaixonei-me...eu vou tentando (des)apaixonar-me.

O único senão é que não sei se quero (des)apaixonar-me.

Entre o ficar e o ir eu opto por ficar sem nunca ir e ir sem nunca ficar.

Ana Borges

O Mensageiro do Tempo (Continuação) Conta a História Melgacense

Em 1170, Dom Afonso Henriques viu-se obrigado a criar o Julgado de Melgaço, então Dom Afonso Henriques desunificou a Terra de Valadares à terra de Melgaço. Melgaço nesta altura ainda não existia, mas existiam umas ruínas de Muralha (onde hoje é a vila Melgacense). Foi aí que Dom Afonso Henriques começou a construção de uma muralha, que foi intitulada como fortaleza desta terra.

Dom Pedro Pires, prior do Mosteiro de Longos Vales, man-

dou construir dentro da nova muralha um castelo e uma torre de Menagem.

Nesta altura, os Melgacenses tinham o privilégio de escolher o Alcaide-Mor deste povoado de Melgaço. Sabemos que Dom Sancho I, o povoador, percorreu este povoado de Melgaço de cavalo, e deve ter ficado instalado no Mosteiro de Fiães.

Décadas depois, o conde de Bolonha, o governador de Martinho Gonçalves, manda compor parte da muralha Melgacense.

Assim este ordenou que construíssem a cerca mais ampla do Reinado de Dom Dinis, o lavrador.

As renovações, ocorridas neste forte ao longo destes séculos, não alteraram a planta original desta Fortaleza Melgacense.

Na próxima edição de A Voz de Melgaço, irá vir a 3ª parte desta Crónica do Mensageiro do tempo.

O Mensageiro do Tempo
Hugo V.

O Casaco de Peles

Chegou com o marido para uns dias de repouso, revigorar-se com os bons ares da serra, a água pura, o bom presunto e o pão de centeio, que ninguém fazia melhor do que a madrinha. Durante muitos anos, quando os filhos já estavam grandes e não necessitavam da presença da mãe, de vez em quando, sobretudo no fim do verão ou mesmo no outono, já o frio a dar assunto de conversa e a pedir achas para a fogueira, lá aparecia ela com o seu Abel. A bem dizer até era mais ele do que ela que apreciava e tirava proveito destes retiros longe da grande urbe e das preocupações inerentes a um trabalho exigente e de alguma responsabilidade. Era mais revigorante uma semaninha ali do que um mês na praia ou em férias caseiras a dormir até tarde e a ir até ao café ler o jornal ou limpar o pó aos bancos do jardim.

Estavam a tomar café com madalenas elas, pão com queijo e chouriço regado com uma garrafa de tinto eles, quando a tia Joaquina de Parada chegou. Não se podia demorar, mas não podia adiar, já que estava quase de abalada para a França e tinha aquele assunto pendente. Não aparecera mais cedo porque o tempo de férias passa a correr e a encomenda não era urgente: estava ali para entregar em mão um casaco que o filho lhe mandava. Quente, bom, muito elegante, digno de uma rainha, quando o tinha visto nem queria acreditar que um rapaz tão discreto tivesse olho para comprar um abafado tão chique. Enquanto assim discorria ia tirando o casaco de dentro de um grande saco de plástico e pedia espaço para o poder mostrar à vontade.

Um casaco de pele verdadeira! Foi a Palmirinha quem mais se entusiasmou com o agasalho, nunca tinha tocado em nada tão macio, a bem dizer só numa boutique muito cara é que os mirava quando por lá passava, ficava-se do lado de fora a lamber a mostra, como dizem os franceses. Até tinham grades a proteger os vidros, para dificultar assaltos, roubos, porque não se encontrava daquilo em qualquer loja ou armazém, ela sabia ver e sentir o que era bom, devia ter custado um dinheirão! A madrinha experimentou-o e todas acharam que lhe assentava como uma luva, se tivesse sido feito por medida não lhe cairia mais bem, o filho tinha olho para acertar mesmo com o tamanho! A Palmirinha experimentou-o, rodopiou sobre si e sentiu-se uma verdadeira estrela

de cinema. Suspirou, despiu-o e perguntou à madrinha se lho emprestava para levar ao casamento da sobrinha do Abel, com um casaco daqueles nem precisava de fato, qualquer vestidinho servia.

Foi a Palmirinha que o estreou, pois levou-o com ela quando a estadia na serra findou, a madrinha insistiu, se fazia gosto em o usar na boda, ela fazia gosto em lho emprestar, não lhe faltaria oportunidade para o vestir e ser ela a fazer figura. Voltasse com ele nas férias seguintes ou quando quisessem, a casa estava às ordens, ficavam felizes por poder recebê-los e ver que, afinal, viviam num cantinho do céu, que podiam partilhar com a família e os amigos.

Passaram-se anos sem que os afilhados se apresentassem para o gozo do descanso tão elogiado. Não fora o telefonema pelo Natal e pouco mais e as relações dir-se-iam quebradas. O casaco de peles tão valioso nunca foi chamado à conversa, até que o ofertante se lembrou do dito, fazia um chiasco de fazer cair as orelhas e tudo o que ficava a descoberto. Questionou a mãe e não ficou nada satisfeito em saber que, afinal, ela nem uma vez o tinha vestido, a Palmirinha era a fiel depositária do mesmo e com ele tinha feito um figuraço no casamento da sobrinha. Pois era tempo de lho pedir e aquele frio de rachar o pretexto ideal para o fazer. Que não era para usar no dia a dia, a Palmirinha entregá-lo-ia no verão, se não aparecessem de moto próprio convidá-los-ia ela, tinha tempo para o vestir. Não gostou da conversa o filho, por saber que o presente merecera tão pouco apreço por parte da mãe, por pressentir que a Palmirinha era menina para se fazer esquecida e apoderar-se do casaco que lhe custara quase um mês de salário. Servir-lhe-ia de escarmento, os belos presentes para a mãe ficar-se-iam por ali, para quê gastar o seu rico dinheirinho para a presentear e ver uma pé rapada a fazer-se de grande com o alheio? Fosse roubar se não tinha dinheiro para luxos!...

A Palmirinha telefonou para convidar os padrinhos e o resto da família para o casamento da filha mais nova, andava muito atarefada com os preparativos, não tinha mãos a medir, com a boda e o enxoval e os arranjos na casa; ainda não seria nesse ano que voltariam ela e o Abel para a visitinha que tanto apreciavam. Tinham muitas saudades, conta-

vam com eles no casamento e poriam a conversa em dia.

No momento das despedidas, terminada a festa do casamento e com plano assente para aparecerem na terra, o filho da madrinha lembrou à mãe que era o momento de pedir à Palmirinha que não se esquecesse de levar o casaco. Quis ser discreto, só a mãe recebeu a mensagem e calou-se. Calaram-se os dois. Ele, por respeito à mãe, esta vá-se lá saber porquê. No carro, mal deixaram os anfitriões fora do alcance da conversa, exasperou-se o rapaz com a atitude da mãe e jurou que nunca mais tocaria no assunto nem lhe ofereceria nada de valor, era dar pérolas a porcos. Era verdadeiro para a mãe e para a Palmirinha, uma por ser mal agradecida e desfazer do presente do filho, a outra por se fazer descaradamente ao alheio.

A Palmirinha e o seu Abel voltaram à serra para o funeral do padrinho. Tinham passado cerca de dez anos desde que o casaco partira, dois ou três desde o casamento da filha, o nascimento de um netinho prematuro tinha adiado a visita prometida. Um saco próprio para transportar fatos, com cabide e fecho éclair, ficou pendurado no roupeiro do quarto que costumava ser o deles quando lá ficavam. Não disseram nada, a ocasião também não era propícia - que sentido fazia falar de um casaco levado por empréstimo quando os pensamentos iam todos para o ente querido que acabava de os deixar e a esta vida?

Acalmadas as primeiras torrentes de lágrimas, a saudade a instalar-se e a usurpar o lugar do morto, era hora de arrumar roupas e dar destino ao que podia ser de utilidade a quem precisa, desfazer-se do que se apresentava sem serventia e guardar o que merecesse a pena, fosse por saudade ou por outra qualquer razão. Foi neste contexto que a Rosinha, para poupar a sogra, tomou a si a tarefa de selecionar os haveres do sogro, deu com o casaco no roupeiro do quarto das visitas. Qual não foi o seu espanto ao dar de caras com um casaco de peles bem acondicionado num saco de transporte e aconchegado atrás de outras peças de roupa!

Tratou de partilhar de imediato o achado e foi então que teve conhecimento pleno da história do casaco de peles que o seu homem tinha oferecido à mãe e de que tinha percebido qualquer coisa depois do casamento



em Viana, mas a que não dera atenção, pois estava morta de sono e cansaço. O casaco estava velho, a dona até se interrogou se seria o mesmo. Em abono da verdade, nem se lembrava dele, mas que não estava em condições de vestir era um facto: além de muito uso exibia alguns buracos, em suma, estava bom para deitar para o lixo com a roupa mais usada do seu falecido. Aquele já tinha cumprido o seu papel, não se lhe podia exigir mais nem ele tinha mais nada para dar. Mas podia e devia fazer algo: chamar a Palmirinha à razão, não era coisa que se fizesse, deixar um trapo daqueles com toda a naturalidade. Era o filho da madrinha que assim pensava mas que não disse

nada, saiu porta fora, vociferando sabe-se lá contra quê, os dias eram difíceis de passar, só o pai lhe acudia à lembrança, se calhar a mãe tinha razão, um casaco não passa de um casaco, acaba um, compra-se outro.

Não se sabe a razão, mas o dito não foi parar nem ao lixo nem à Cruz Vermelha, que distribui roupas usadas a quem precisa, ficou no roupeiro e lá deve permanecer até que uma derradeira limpeza o leve desta para melhor. A Palmirinha não disse ou ouviu uma palavra sobre o abafado de que se assenhoreou mas não deixa de ser objeto de galhofa quando a ocasião se propicia.

Olinda Carvalho

Santa Rita 14, 15 e 16 de Maio

Já no Sábado, dia 7, ao fim da tarde, vem a imagem de Nossa Senhora de Santa Rita para a Igreja Paroquial. No dia seguinte, domingo, dia 8, pelas 14,30 horas, sai a procissão da Igreja para santa Rita, havendo missa à chegada.

Durante a semana, às 18 horas, terço cantado, procissão e eucaristia.

Quinta, dia 12 – missa pelos benfeitores falecidos, com especial menção do fundador, padre Carlos Vaz.

Domingo, dia 15 – Missa às 11 horas, e missa, sermão e procissão às 16 horas.

Segunda, dia 16 – Missa, sermão e procissão, às 11 horas.

Neste ano jubilar da misericórdia, aproveitem a oportunidade para se reconciliarem através da confissão. Haverá confesores todos os dias durante a novena, mas sobretudo a partir de quinta, dia 12.

DIA 1 DE JUNHO
70 ANOS de
"A Voz de Melgaço"
Dê a sua opinião,
porque ela é importante.

Aluimento de terras em Soutomendo, Pousafoles...



Cevide já tem canção e música

Apresentada pela primeira vez ao vivo no último dia da Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço, a canção composta e musicada pelo músico e cantor barquense Zezé Fernandes, apoiado pela sua banda, a canção de Cevide recorda a cada verso as personalidades, as figuras religiosas e as vivências daquela terra fronteiriça que acolhe o marco nº1 de Portugal.



Ligado à causa e ao movimento "Cevide, Aqui Começa Portugal", iniciado por Mário Monteiro, natural daquele lugar, Zezé Fernandes ainda não tem a canção gravada na sua versão final, mas já há uma versão a circular na internet. Caso não a encontre, deixamos aqui a letra na íntegra, para que da próxima vez que ouça o cantor ao vivo, a possa pedir e acompanhar de cor.

Vamos todos ao marco
a Cevide, Cristoval,
ouvir o galo cantar
aqui começa Portugal

E a ponte que me passa
para outro lado da serra
oh espanhol muchas gracias
também vives esta terra

Santo António vê de cima
o rio e sua glória
muita coisa se passou
tanta gente fez a história

Oh marco que és primeiro
És Melgaço, és Alvarinho
És primeiro em Portugal
Pedaco do Alto Minho

Do outro lado do rio
Galego se põe ao sol
"Boens dias" diz de lá
o Manuel Espanhol

(Letra e música:
Zezé Fernandes)

João Martinho

PIZZARIA
De Michelys
RESTAURANTE

INOVAÇÃO É O QUE NOS DISTINGUE!!

T. 251 403 058

Av. Capitão Salgueiro Maia
EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

O Meu Cão Sócrates...

Não poderia deixar de escrever este artigo, dedicado aos possuidores de animais domésticos, em especial cães e gatos.

Não me refiro aos criadores e possuidores dos periquitos, canários e outras aves de estimação, porque essencialmente o que me leva a escrever este apontamento, é as regalias e as vantagens que os actuais governantes estão a dar aos proprietários dos cães e gatos, em regalias fiscais.

É completamente inadmissível quanto a mim que os proprietários de cães e gatos, possam deduzir no seu IRS, 15 % do IVA as despesas médico-veterinárias com os seus animais, até a um montante de 250 € anuais, atendendo a que outras despesas com os humanos não são contempladas. Esta, foi uma proposta do PAN (Partido Animais e Natureza), já aprovada recentemente no Parlamento!

O próprio deputado deste partido, André Silva, regozija-se com esta medida, e diz que isto é o início, pois espera que as despesas de saúde com os animais, possam vir a integrar no futuro o IRS.

Com este andar das regalias para os animais, qualquer dia assistimos a que estes tenham mais regalias que alguns humanos! Absolutamente incompreensível.

Ainda recentemente foi noticiado que um sem-abrigo que estava com o seu cão de companhia, viu este ser-lhe retirado, já que o local não tinha as condições desejadas de habitabilidade para o mesmo. O caricato da questão, é que lhe retiraram o seu animal de companhia para outro local, deixando o pobre homem sem-abrigo no local. Moral da história: o cão acabou por ter melhor sorte que o pobre homem!

Devo referir que nada me move contra os animais, essencialmente os cães, cujo mérito e serviços que prestam como companhia, quer a idosos e crianças admiro, muito especialmente os cães condutores de pessoas cegas, assim como os cães de guarda.

Isto, é ponto assente.

Todavia, o mundo de negócios que envolve o mundo animal referente a cães e gatos, tem vindo ao longo dos anos a aumentar. Começa desde logo no negócio da criação de cães de raça, instrução

própria para cães de luta; clínicas veterinárias, empresas de fabricação de comidas e rações, os espaços cada vez maiores nas grandes superfícies para a venda de comidas e acessórios para os mesmos, cabeleireiros e salões de beleza, e também hotéis próprios para cães e gatos, para os instalar quando os seus proprietários se têm de ausentar, não esquecendo até psicólogos quando os mesmos se encontram em estado de stress.

Tudo isto me deixa completamente incrédulo quando uma estimativa realizada em 2014, pela Fediaf- Federação da Indústria Europeia de Alimentação para Animais, ficámos a saber que movimentam mais de 30 milhões de euros, apenas só na área da alimentação e serviços veterinários.

É um facto que o número de animais de companhia tem vindo a crescer de ano para ano no nosso país, apesar de existirem cada vez mais casos, de maus tratos aos mesmos, derivados pela crise económica. Esse período agudiza-se na altura de férias, quando os seus donos os abandonam.

Em jeito de piada, um dia ao passar pelo Campo das Hortas, em Braga, vi numa loja três exemplares de canídeos em barro para venda, de raças diferentes: um era um dálmata, e mais dois outros exemplares, um deles tipo perdigueiro. A loja, apesar de domingo, encontrava-se aberta por qualquer razão, e resolvi perguntar se me podiam embalar um desses cães, pois a viagem que teria que fazer com o mesmo era ainda



longa. Muito simpaticamente, embalaram-me o cão, devidamente protegido para não se quebrar, e o mesmo viajou nesse mesmo dia de comboio para o Porto; em seguida foi para o transitário para realizar uma viagem de barco, até Ponta Delgada. A viagem correu sem qualquer incidente e o cão chegou em perfeitas condições.

Encontra-se postado na minha varanda com o seu olhar vigilante para a rua, com um pequeno azulinho indicativo do seu perigo.

A verdade é que tem sido muito admirado, pelas pessoas que passam na rua e como lhe acham graça, têm tirado ao mesmo imensas fotos, e imagine-se que até já o colocaram nas redes sociais.

O meu filho, ofereceu-me uma bonita coleira com o nome "Sócrates" colado, atendendo a que o mesmo se encontra preso na varanda.

Devo dizer que a maior vantagem é não dar despesa porque não preciso de lhe dar aquelas latinhas de comida gourmet à venda nos supers, não incomoda os vizinhos porque não ladra, e com o tempo que faz, chuva ou sol, também não se queixa.

Resta-me dizer para terminar que posso dizer que também tenho um cão em casa, o qual viajou de Braga, até Ponta Delgada, e que me custou a módica quantia de 40 €!

Um luxo!

António Jorge Tavares
Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia).

CONVÍVIO Anual de Caçadores S. Amaro/Padrenda (Galiza)



A Direcção do Clube de Caça de Padrenda, paredes meias com o concelho de Melgaço, na vizinha Galiza, juntou cerca de trinta monteiros no final da época venatória, com os matilheiros, irmãos Nito e Serafim, e Ramigio, na localidade de S. Amaro, numa tarde de franco convívio/almoço.

Vindos das mais diversas localidades, desde Melgaço a Caminha, passando por Monção e Valença, da parte portuguesa, e a Arbo, Gondomar, Neves e Ourense, bem como o senhor padre da paróquia, do lado galego; foi uma tarde bem passada, recordando os bons momentos passados nos montes e nas margens do Rio Górgua, grande afluente do Rio Minho, encostado a Castro Laboreiro. Recordaram-se ainda os cerca de quarenta javalis abatidos (com 5 bons navalheiros) e um abate de cerca de sessenta corços com belos exemplares, como troféu. Também foram referidos os "grandes falhanços", e muitos, deste ano. Para além do Xulio e do Adriano, com o "pagamento de multas" do velho wiskey... Felizes, estavam os Monteiros que abateram lindos exemplares.

O Renato, Adriano, Abel, entre outros, desde Agosto a Fevereiro não perderam uma jornada de caça.

A ementa, constituída por caça brava como corço e o javali, não esqueceu ainda a lampreia do Rio Minho, para a tarde de convívio/almoço e os bons alvarinhos da região, com os chupitos de licores, bem como os wiskeys velhos dos 'falhadors' e umas recheadas sobremesas.

Parabéns à equipa feminina da cozinha e ao fotógrafo de serviço, o Billy de Gondomar, a quem agradecemos, com um bem haja.

Com Saudações Cinegéticas;

Júlio Domingues

MOVEIS DO CASTELO

Ramiro de Lima A. Cerqueira

FACILIDADE DE PAGAMENTO
ATÉ 12 MESES

ESTOFOS
LINHAS DIREITAS – CLÁSSICOS
MACIÇOS – E AVULSO



Rua da Escola, n.º 20 | Rua da Calçada, n.º 92
Tels. 251 402 965 – 251 404 791 | VILA – MELGAÇO

Anselmo Malheiro e Rui Malheiro

MEDIADORES DE SEGUROS

RUA RIO PORTO, 215 | 4960-568 MELGAÇO
Tif 251 404 031 | Fax 251 404 039 | Tlm 933 291 437

URB. QT.ª ANDORINHAS, 83 | 4950-855 MONÇÃO
Tif 251 653 224 | Fax 251 653 226 | Tlm 935 267 109

E-mail: anselmo@seguros.webside.pt

Vende-se

EM MELGAÇO

Casa com terreno que dá para construção

RUA DA BARBOSA | VILA

Tlm. 917 954 996

Associação dos Bombeiros Voluntários de Melgaço distinguida pelo município de Arbo

Foi há 86 anos que a primeira missão internacional da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço teve lugar. A catástrofe fora o descarrilamento do expresso Madrid-Vigo, cujo aparato alertou a população de Melgaço, que tocou os sinos a rebate e sem ponderar as implicações legais da jornada ou sequer as dificuldades em chegar ao local, partiu para a missão de socorro.

O voluntarismo sem precedentes e com genuíno espírito de missão foi amplamente elogiado e reconhecido à época, mas quase um século depois, o município de Arbo quis prestar formalmente um gesto de agradecimento pelas muitas missões de socorro que a corporação melgacense já efectuou naquele município desde esse primeiro sinal de solidariedade e bravura.

O título "Arbense Distinguido", um dos maiores títulos concedidos pelo município de Arbo às entidades ou personalidades que se destaquem, contemplou este ano a associação de Bombeiros de Melgaço. Diploma foi entregue por altura da Gala da Lampreia, cerimónia que decorreu no auditório municipal da localidade. "Foi um gesto bonito e um momento de alguma emoção, porque é o reconhecimento do trabalho feito ao longo dos anos", notou Gaspar Caldas, Comandante da corporação.

"Continuaremos a dar o mesmo apoio como até agora, nem melhor nem pior, fazemos o melhor que podemos, mas não deixamos de saber que alguém esteve atento e se lembrou que os Bombeiros existiam e que fizeram o trabalho voluntariamente", reiterou o Comandante.

Fundamentais no socorro às ocorrências locais e regionais, sobretudo no combate a incêndios, a corporação dos Bombeiros Voluntários de Melgaço tem-se revelado também um apoio determinante nas missões de socorro no concelho galego.

Homenagem a António de Sousa no dia da Senhora da Orada

A 5 de Maio, quinta-feira de Ascensão, o feriado municipal



é marcado também pela festa em honra da Senhora da Orada, madrinha dos Bombeiros melgacenses.

A sessão solene, que decorrerá pelas 15 horas no Largo Homenegildo Solheiro, conta este ano com um gesto de reconhecimento de um dos seus exemplares representantes.

O Comandante no Quadro de Honra, Armando de Sousa, receberá um louvor e medalha de Serviços Distintos Grau Ouro da Liga dos Bombeiros Portugueses. Um acto simbólico mas "para que saiba que os bombeiros reconhecem o que fez por esta casa", explicou o Comandante em exercício, Gaspar Caldas, considerando que "as homenagens têm de ser em vida".

Comandante no Quadro de Honra, Armando Sousa assumiu por três vezes o cargo de Comandante da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Melgaço, nomeadamente nos períodos 1976-1981, 1992-1997 e em 1999.

Foi fundador da Fanfarras, criou um Grupo Coral, que esteve na origem da Escola de Música e Orquestra Ligeira. Reconhecido pelo seu empenho na operacionalidade do Corpo de Bombeiros e na intervenção social, foi ainda

dinamizador da associação além-fronteiras, através de iniciativas culturais para onde o grupo era convidado.

Fanfarras: "Vamos começar a partir do zero"

Com um corpo activo de cerca de 56 elementos, os Bombeiros de Melgaço, que tem promovido uma imagem mais próxima e dinâmica com a população, propõe-se reabilitar alguns projectos entretanto deixados cair por terra.

"Tentei mobilizar, dizer que vamos salvar a Fanfarras, foi bonito terem aparecido ali, mas não apareceram mais", criticou Gaspar Caldas

"A seguir ao dia de homenagem, vamos iniciar a construção da equipa da Fanfarras com recruta de base. Só se inscreve quem quer, será bem-vindo quem já fez parte da fanfarras e queira continuar, agora aquele pessoal que apareceu de vez em quando, só porque fica bem na fotografia, não nos interessa, não nos dá garantias. A fanfarras é uma realidade que vamos iniciar a partir do zero", concluiu o comandante da Associação.

João Martinho

FLASHS DO CICLO

A Liberdade de expressão e a mentira

Efectivamente, é muito importante, poder expressar, livremente, o que se pensa. Todavia, essa liberdade deve ser com respeito e com cabeça. Isto é, não se deixar embalar, pelo instinto ou, pior ainda, pelo ódio. Com efeito, tenho lido artigos de vários articulistas que, muitas vezes, deturpam ou inventam factos, para denegrirem, quem desejam denegrir. Nem pensam que, quando inventam mentiras, para esse efeito, estão a virar o feitiço contra o feiticeiro. Efectivamente, nestes casos, só usa a mentira, quem não tem verdades, para o efeito. Há quem acredite, que uma mentira dita muitas vezes, torna-se verdade. Infelizmente, muitas vezes, este sistema dá resultado. Porém, também há quem diga que, uma mentira, pode anular muitas verdades. Efectivamente, isto acontece, em vários casos. Com efeito, um averiguador de processo, que apanhe o averiguado, numa mentira, não acredita, nas restantes declarações. O mesmo se passa com qualquer articulista, quando não diz toda a verdade, no artigo que escreve. Também, não se deve misturar, o que é opinião e os factos que se passam. Ou seja, dar a culpa, a quem é culpado. Aliás, isto vem a propósito, de um Artigo, escrito na 13ª página de A Voz de Melgaço, do dia 1 de Abril pp.

Com efeito, o articulista tem todo o direito de ter aquela opinião do PR, que terminou funções. Embora, respeitando a sua opinião, se me fosse pedido um conselho, obviamente que o aconselharia a ser mais cauteloso. Isto porque, um indivíduo que disputou seis (6) eleições, perdeu uma (1) e ganhou cinco (5), três com mais de 50%, traçar-lhe um perfil daqueles, é obra! Mas o pior está no fim. Efectivamente, acusá-lo, de recusar a Pensão de sangue a que tinha direito a viúva de Salgueiro Maia, é um disparate, que me abstenho de adjectivar. Primeiro, porque Salgueiro Maia não faleceu em combate nem acto considerado de serviço. Segundo, porque se tivesse direito, o PR não lha podia recusar. A viúva tinha direito, sim, a meia reforma do marido e essa, obviamente, que lhe foi concedida.

É evidente que cada um tem o seu estilo. Todos dizem que querem ser o presidente de todos os portugueses. Obviamente que, ao serem eleitos, são presidente de todos, mas também é obvio que não podem agradar a todos. Veremos o populismo do actual PR, onde vai parar. Para já, julgo que a sua colagem ao governo, no meu entender, já cometeu duas graves actuações. Refiro-me obviamente à demissão do Chefe do Estado Maior do Exército. Com efeito, sendo o PR, o Comandante Supremo das Forças Armadas, devia ser mais cauteloso, na substituição daquele. O Exército ficou chocado. Depois, o caso com Angola. Sabendo que o Decreto-Lei, que assinou à pressa era contra os interesses de Angola, devia pensar melhor. Lembrar-se que há muitos portugueses, em Angola. Assim, um assunto, que era entre Banqueiros, passou a ser Político e o pior é que o PR, que devia ser o mediador, no caso possível de um desentendimento entre Angola e Portugal, perdeu esse poder, visto estar metido no conflito. Para terminar, mais uma vez digo: com este PR e PM, que mais nos irá acontecer?! Também gostava que alguém me informasse qual é a diferença tão grave entre indicar e indigitar, uma pessoa para qualquer cargo.

Arménio Melo

ARTES Centro de Artesanato

Tecelagem – Bordados – Bonecas Regionais
ARTES DOCES – Doces Tradicionais



Carta n.º 110 088

TECELAGEM
CONFECÇÃO E BORDADOS
D.L. n.º 110/2002, de 16 de Abril
PORTUGAL

Rosa Maria Ribeiro

Cerdedo – Prado
4960-320 Melgaço
Tel.: 251 402 133

artes_rosamaria@hotmail.com

Olhar e Escutar o Diferente

Por Sistelo (Arcos de Valdevez) com São Motinha

Fomos seguindo a estrada que ladeia o rio Vez que corre apressado desde a nascente no Alto da Seida, Lamas do Vez. O território aparece-nos mesmo na curva da estrada. Lançámos os olhares para o Alto da Estrica e para os socalcos onde se cultiva o milho, cereal para a cozedura da broa apetitosa. É a zona mais associada do Alto Minho.

Ingressámos na zona do Parque Nacional Peneda-Gerês.

Veio-nos à mente o pequeno texto do escritor Guerra Junqueiro: "O Minho é bom demais. A vida desliza suavemente, cristalinamente, como regato bucólico. Nada que fira, que morda, que contrarie.

O sol ri, a verdura canta, o vinho é alegre, o celeiro cheio...

É bom demais, decididamente."

Recordámos as narrativas de Tomáz de Figueiredo, José Augusto Vieira, Orlando Ribeiro, Eugénio Castro Caldas e outros escritores, bem como o livro "Alto-Minho" do saudoso catedrático Carlos Alberto Ferreira de Almeida.

Localizámos no centro da aldeia de Sistelo, de casario con-

centrado, a denominada «Casa do Castelo», revivalista e romântica, autêntico "solar do brasileiro". Trata-se de uma volumosa construção levantada pelo Visconde de Sistelo, filho da terra embalada pelas águas do rio Vez, que emigrou para o Brasil, onde fez fortuna e se afirmou como figura prestigiada na sociedade do Rio de Janeiro.

Era o brasileiro da fala doce... Sonora, cativante e amiga!

As benfeitorias do brasileiro benemérito e do seu irmão Visconde do rio Vez estão bem sinalizadas em testemunhos variados na igreja paroquial, na escola, no cemitério, nos fontenários e vias rurais da

Continua na pág. seguinte



Continuação da pág. anterior

aldeia do concelho de Arcos de Valdevez.

Entrámos na alma do lugar percorrendo caminhos íntimos, «aqueles onde sentimos o mítico e conhecemos a história».

Há tempos tivemos conhecimento da existência do culto ao «santo popular denominado São Motinha».

A revelação foi-nos feita por Manuel Dias, sacerdote da Igreja Católica, que pastoreou a localidade durante breves anos, e afirma que a «devoção» remonta ao início do séc. XX.

A «história» ou a «estória» é linda de se ouvir.

Motinha era um pobre que mendigava pelos caminhos da aldeia de Sistelo. Mal vestido e mal comido, e com o alforje ao ombro. Por vezes calçava uns tamancos de amieiro. A barba crescida no rosto ajudava ao seu calvário, ou «mistério de vida humilhante e sacrificada».

Nas roupas mostrava pauperismo. Dormia aqui e acolá, nos palheiros e na zona mais alta aproveitava as cardenhas. A sua pobreza era merecedora de compaixão e ternura dos habitantes que na Portela de Alvito têm feira quinzenal e anual a 12 de Setembro, onde o gado bovino, ovino, caprino e cavalares é transacionado em escala considerável.

Os garranos são apresentados como exemplares regionais, de características únicas, com presença milenar e elementos integrantes da paisagem humanizada do Minho.

As donas de casa de Sistelo carinhosas e caridosas ofereciam ao Motinha uma malga de caldo de farinha com feijões e couves, sempre adubado com carne de porco. Por vezes saboreava um pouco de toucinho, uma febra, uma chouriça, ou um pedaço de orelha do «cerdo» da última matança. Um bom pedaço de pão acompanhava o presigo. As batatinhas eram sempre desejadas.

E ouvia:

«P'ra onde bás, Motinha?».

Respondia: «Bou por i!».

Ia com ele e com Deus...

Sim, com Deus sempre... E com a sua pobreza...

Ia caminhando meditativo e derreadinho. «Como triste é ser pobre!... Mas sou respeitado em todas as portas. Deus é meu pai, pronto!... Bou com Deus!»

Da sua boca nunca saiu uma palavra mais atrevida, de maldição ou de azedume...

Por certo ouviu dos seus contemporâneos: «Quando o loureiro der baga e a cortiça for ao fundo, é que se hão-de acabar as más línguas deste mundo».

Ao receber uma dádiva dizia sempre: «Seja p'las almas de quem lá tem. Deus o cubra de muitas bênçãos e aumente o que tem... "Padre nosso."»

Era pobre mas rico de sentimentos. Fazia lembrar as Bem-aventuranças: «Bem-aventurados os puros de coração».

MENDIGAR É UM TRISTE OFÍCIO

Aquando dos nossos olhares antropológicos em Sistelo recordámos a figura do «Velho Garrinchas» descrita por Miguel Torga (1978).

«Mendigar é um triste ofício».

Avivamos na memória o que um pároco escreveu num registo de óbito referente à profissão do falecido: «POBRE».

Conforme se lê no «Catecismo do Labrego» de Valentim Lamas Carvaxal, pobres «são aqueles que não conhecem um dia de fartura».

Colocámos em prática o «olhar e escutar várias vezes»...

Comungámos o ar fresco do território marcado pelo Rio Vez e fomos envolvidos pelos poemas do poeta popular José Soldado, de Padrão!

«Eu também já vi você

Na minha casa a pedir;

Também lhe dei a esmola

Com bom modo de rir»

Conhecemos a Branda do Rio Covo e do Alhal, e as costumeiras da pastorícia com longas pegadas e suores dos brandeiros.

Ouvimos o canto da passarada e o afoutar ao gado.

Registámos na máquina fotográfica imagens panorâmicas e de pormenores das memórias dos homens e das coisas.

Dizíamos: «Boa tarde!».

Ouvíamos: «Pois boa tarde nos deia Deus!».

Acompanhados por um companheiro também interessado em descobrir o Alto Minho profundo e inédito, lá nos decidimos a perguntar pelo São Motinha.

«- Bem, não sei onde estará!

Estebe na igreja, num altar, mas depois um padre mandou-o tirar de lá e foi pra uma casa. Era um santo pobre e bondoso! Nunca dizia uma maldade e não fazia mal a ninguém. Até as crianças o respeitavam. Morreu e foi santo! Não sei onde está! Talvez...»

Por fim, a casa onde é venerado surgiu...

A senhora que cuidava e guardava o São Motinha estava no lavadouro público... Vestia de preto.

Dissemos ao que vínhamos: «Seria possível ver o São Motinha?»

«Esperem um pouco, que eu bou lá a casa.»

Entrámos numa casa de granito escurecido pelo tempo. Passámos pela cozinha, olhando o grande pote de três pernas. Chegámos à grande sala, a denominada «Sala da Páscoa», em terras minhotas.

No meio do espaço doméstico mais valorizado, numa mesa com uma toalha de linho estava colocada a escultura/imagem de madeira de São Motinha, esculpida por um artista local.

Uma linda toalha e uma malga tradicional com esmolos, contendo notas e moedas... Testemunhos da devoção ao santo canonizado pelo povo. Vox populi, vox Dei (Voz do povo, voz de Deus).

O silêncio respeitoso foi eloquente e ouvimos «estórias lindas» que percorriam latitudes longínquas,

com saudades dos tons, dos sons, das vozes do mundo de Sistelo.

Como escreve o antropólogo Pina Cabral, «Faz-se o pagamento ao Santo, pede-se a sua ajuda e protecção».

Mas o ritual tem de ser completado e perfeito.

Numa mesa ao lado e com rendada toalha, está uma garrafa de vinho branco, outra de vinho do Porto e um pratinho com bolachas, talvez «Maria»!!!

LITURGIA LOCAL E INÉDITA

Todos aqueles ou aquelas que visitam o Santo que nasceu, viveu, mendigou e morreu na sua terra e «não tinha maldade», pois «era um autêntico profeta de outro modo de vida», devem terminar o seu cerimonial numa autêntica liturgia local e inédita, criadora e simbólica, de reciprocidade e comunitária, num verdadeiro sentido do «facto social total», segundo o pensamento de Marcel Mauss.

E ficámos a reflectir, com muito respeito, pela luz que cada um transporta...

«Seria um poeta clarividente?» (J. Heers)

A leitura do livro «Formas Elementares da Religião», de Emile Durkheim, fornece-nos doutrina consistente sobre as leituras do «facto social total originário».

E o que se sente na alma e a boca por vezes confessa, faz parte dos tais caminhos íntimos e das bênçãos que se desejam para continuar a peregrinação pelas estradas da vida.

De acordo com A. Custódio Gonçalves «a apreensão das diversas memórias colectivas dos grupos faz-se sobretudo através da comunicação oral. A memória colectiva interage igualmente com a memória individual, caracterizada pela capacidade pessoal da evocação de uma imagem recordação.»

Recordámos do Livro do Apocalipse: «Eis que estou à porta e bato: se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo» (3:20).

Continuaremos atentos à religiosidade popular, que no dizer do antropólogo compostelano Marcial Gondar, «é um bô miradouro donde ollar unha sociedade».

Conforme o sociólogo António Joaquim Esteves, «nas terras minhotas a arte da subsistência conviveu com a arte da solidariedade ativa.»

No regresso de Sistelo e transportando emoções sentidas pelas comunidades, lemos de Armando Cunha:

«O Vez passando, tão descuidado...»

Como um sonho que não se esvai,

Dá-nos lembranças do que é passado;

Dá-nos saudades do que lá vai...»

Lembrámos de Pierre Bourdieu: «O que fala nunca é o discurso, a palavra, mas toda a pessoa social».

José Rodrigues Lima

Ou isto muda ou vamos todos passar por grandes tormentas



O ex-primeiro ministro, Passos Coelho, declarou há dias ser social-democrata, mas foi ideologia que não praticou nos quatro anos e meio que esteve no governo. Aliás, dos fundadores do partido, só dois tiveram a noção do que era ser social-democrata. Foram eles, Francisco Balsemão e Magalhães Mota. Nem Sá Carneiro foi social-democrata genuíno, porque era muito autoritário. O PSD é assim uma mistura insólita de proveniências, de republicanos convictos, de fascistas à procura de emprego e de dissidentes do salazarismo à busca de melhor sorte. Esta «mixórdia» constituía ao tempo de Sá Carneiro uma tal confusão que não a entendia e obrigou-o a afastar-se e ir para Londres e regressar e impor o seu estilo como via a sociedade, sendo ele o partido. De social-democracia nem cheiro existe. Coelho disse o que disse. Ele não se sente com forças para mudar o rumo de um partido que nunca poderá ser social-democrata, atendendo às suas origens. Alguns dos seus correligionários irritam-se pela posição direita assumida por ele, em obediência cega aos alemães. Enquanto no poder, deu coça brava aos mais pobres e desfavorecidos do seu país e prepara-se, arduamente, agora, na oposição, para voltar ao governo e repetir o «milagre» da sua austeridade, que consiste em empobrecer Portugal e reduzi-lo a um protectorado europeu. Tudo isto não surpreende com um PS cheio de armadilhas, mais inclinado ao conservadorismo do que às grandes reformas que o país necessita (*acabar com as gorduras do Estado, reduzir o número de deputados, que a constituição permite, taxar as grandes fortunas e os offshores, etc,etc.*). Também certa comunicação social contribui para o marasmo em que vivemos, ao ser demasiado subserviente do poder constituído, não pondo os erros a nu dos governantes e não mostrando a sua boa solução. Contudo há uma esperança. O Bloco de Esquerda empurrou o PCP do seu lugar, aproveitando o vazio e três das suas mulheres, muito combativas e vivazes, impõem mudanças num tempo certo que é de mudança, cá, na Europa e em todo o mundo. O mau «sistema» vigente criou um facilitismo impressionante, em que tudo é permitido a uma quantidade enorme de ociosos que vivem à custa dos novos escravos do século XXI com salários miseráveis de uma míngua de euros que não chegam para as primeiras necessidades, do dia a dia, enquanto eles, os privilegiados, se pavoneiam nos seus jaguares pelas ruas da capital, depositando os milhões tirados à banca nos offshores do Panamá, Madeira, Caiman e outros que tais e em que a justiça não funciona por não se aprovar a lei do enriquecimento ilícito. Ou isto muda ou vamos todos passar por grandes tormentas sociais.

PS-Não quero terminar esta minha crónica de hoje sem antes expressar a minha mágoa pelo falecimento, há dias, do meu amigo e colega de infância, Álvaro Domingues, que foi professor e gerente bancário na nossa vila de Melgaço, deixando a todos muitas saudades por ser uma pessoa culta, educada, bondosa, humana e muito amiga dos pobres. No Peso, onde residiu ultimamente, era muito considerado pelos vizinhos, a quem ajudava no que fosse preciso, nada recusando, muitas vezes com o seu próprio prejuízo. Presto-lhe esta pequena homenagem, recordando uma frase de um grande filósofo: «o sol ao fim do dia parece que vai acabar, mas no dia seguinte nasce de novo, tal como a morte não é o fim mas o princípio de uma vida melhor, sem guerras, ódios, invejas e traições». Amigo Álvaro, até sempre. Obrigado pelo teu companheirismo e pelo bem que fizeste a toda a gente. Descansa em paz. As minhas mais sentidas condolências à esposa, filhos, netos e família.

Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Abril 2016

Abílio Francisco Conde

Manoel Batista quer conhecer "a realidade" das Freguesias. Iniciou em Chaviães e Paços uma visita a todo o concelho



A União de Freguesias de Chaviães e Paços foi o ponto de partida para um périplo pelas freguesias do concelho melgacense que o executivo liderado por Manoel Batista pretende levar a efeito durante o corrente ano.

A primeira visita ao território aconteceu a 7 de Abril, na qual o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, acompanhado pelo executivo e técnicos municipais, observou "in loco" o andamento de obras e projectos a desenvolver na localidade.

Orientado pelo presidente da Junta da U.F. De Chaviães e Paços, Amadeu Esteves e responsáveis locais, o executivo fez um balanço das respostas dadas nas localidades às necessidades apontadas ao presidente da Câmara Municipal no início do



mandato, em 2013. "No início do mandato procuramos, com os presidentes de Junta, fazer um levantamento das necessidades de cada uma delas. Agora queremos perceber em que ponto está a realização desse levantamento feito", esclareceu o autarca no dia da primeira análise no terreno.

Num momento em que a localidade recuperava da derrocada a rede viária e aguardava apoios à recuperação de parcelas agrícolas (afectadas pelas intempéries de Fevereiro), as instituições e poder local davam também nota de alguma realizações recentes, nomeadamente a Casa Mortuária,

inaugurada a 9 de Abril, ou a ampliação de valências e do edifício do Centro Paroquial e Social de Chaviães para a criação de um Centro de Noite.

"Já conhecemos todas as situações, mas esta é uma oportunidade para, in loco, termos uma percepção colectiva de tudo o que é necessário fazer", sublinhou o autarca.

A deslocação do poder autárquico às áreas a intervir compreendeu uma visita a uma parcela agrícola que sofreu derrocada no temporal de Fevereiro, mas era também momento de anunciar a abertura do Governo para receber candidaturas dos proprietários lesados.

A intervenção nos espaços públicos, a altura praticamente resolvidos na rede viária, aguardavam ainda resposta do poder central

As freguesias de Fiães e Cristóval serão as próximas a receber a visita do executivo neste périplo. Este contacto com a realidade local acontecerá a 12 de Maio e tem início previsto para as 10 horas da manhã.

João Martinho

Ó feliz culpa! Recordando Manuel Henrique Alves

Na edição de Abril, demos nota do falecimento de Manuel Henrique Alves, de Chaviães. Com a melhor das intenções e com um raciocínio formalmente lógico, deduzimos que, se ele tinha sido colega do padre Manuel Domingues na escola primária, e este era natural de Parada do Monte, também de lá seria o saudoso extinto. Mas a lógica era outra: o padre Manuel Domingues é que veio fazer a escola primária em Chaviães, onde seu tio, padre António Domingues, era pároco. E como a escola ficava algo distante da igreja e residência paroquial, por vezes, até ficava a almoçar em casa dos pais da Amélia, hoje esposa do Dr. José Rodrigues Lima. Essa tão antiga como verdadeira amizade dos bancos da escola primária consolidou-se sobremaneira, mais tarde, com a ida do padre Manuel Domingues para pároco de Chaviães. Por isso ele pôde falar do amigo na homilia do funeral com o conhecimento que dele tinha e a amizade que os ligava.



Ainda bem que me enganei, involuntariamente, porque assim se faz mais memória do que era vulgarmente conhecido como o «carteiro» de Chaviães. Sua filha e netas já me desculparam o involuntário lapso. Mas aqui o rectifico e peço vénia do sucedido.

Mas como não há duas sem três, tentando ser mais justo com a memória do falecido, atrevi-me a acrescentar uma frase ao agradecimento publicado na página 20, pois sabia como correspondia ao que a filha e as netas sentiam para com ele. As palavras foram «extremoso pai e avô que Deus nos concedeu». Com a pressa e o cansaço da dactilógrafa, saíram dois erros ortográficos que não são comuns nela, pois escreve até muito bem. Foi a palavra extremoso com «s» e não com um «x», como devia e deve ser, e «concedeu», com um «s» e não com o «c». Esta última falha é a mais grave ortograficamente falando. Também delas pedimos vénia.

Aqui fica o nosso reparo e o pedido público de desculpa pelos lapsos que, embora involuntários, ensombraram a notícia e o agradecimento pela feliz memória do Manuel Henrique Alves.

Carlos Nuno



**Agência Funerária
ORQUÍDEA**

Auto Fúnebre Próprio

Funerais e Translações para todo o País e Estrangeiro • Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço

Farmácia
Dias Ferreira

Rastreio Celulite

**GRATUITO
em Melgaço**

13 de Maio de 2016

Das 10 às 19 horas

Faça já a sua inscrição!

**Pessoalmente ou através do 251 403 312/
961 197 872**

Estamos à sua espera...

Escola Primária da Vila receberá arquivo, serviços municipais e espaços para novos empreendedores

O projecto de revitalização e ampliação do edifício da Antiga Escola Primária da Vila concentrará uma série de serviços, entre eles o de Arquivo Municipal, Serviços Culturais, Gabinete de Apoio ao Empreendedorismo e espaços destinados a acolher projectos inovadores "para os espíritos mais dinâmicos e criativos, numa lógica que poderá passar pelo coworking ou outras sinergias impulsionadoras de novos desafios", descreve o projecto.

A intervenção no edifício existente propõe-se manter os espaços de salas de aula da antiga escola, respeitando a estrutura original, restaurando revestimentos e caixilharias existentes. Já a extensão a construir, "um novo volume de proporção idêntica, formando no conjunto uma construção em U com um pátio inglês que estabelece a ligação à rua da Escola, contará com design moderno e concepção de espaços estruturada e eficiente.

No edifício existente ficarão instalados o Gabinete de Apoio ao Empreendedorismo e os espaços destinados a acolher projectos; no edifício a construir será criado um Centro Documental e de Pesquisa que irá albergar os vários espólios do arquivo municipal e o espólio do Museu do Cinema Jean Lup Passek, com abertura ao público, que poderá ter acesso à informação custodiada pelo Município.

Este espaço contará com áreas próprias para depósito e conservação da documentação, tratamento técnico e reprografia, atendimento e, ainda, uma sala de consulta e pesquisa pública.

Casa Mortuária da Vila avançará já no segundo semestre de 2016

O projecto, em área adjacente à escola Primária da Vila, arquitectonicamente equilibrado com a intervenção e ampliação a realizar no edifício, será no entanto independente no acesso e em contexto próprio.

A ser edificado no 'gaveto' do recreio da antiga escola, voltado para a rua Fonte de Vila, terá duas câmaras mortuárias, com antecâmara de apoio e de acesso independente, com envolvente arborizada e um pátio.

Os projectos de reabilitação da escola Primária e da Casa Mortuária estão "praticamente concluídos" e após consulta pública aguardam financiamento para poder avançar.

"Foram projectos que priorizamos e neste momento, se houvesse



financiamento, podíamos avançar com eles", esclareceu o autarca de Melgaço.

Casa Mortuária poderá ser a primeira estrutura do projecto a ganhar forma, podendo as obras avançar já no segundo semestre de 2016.

Já o que diz respeito à recuperação e redimensionamento da escola Primária, por depender dos apoios comunitários, só avançará no final de 2016 ou início de 2017.

Nesta sessão foi ainda apresentado o "pré-projecto" de redefinição de espaços de estacionamento, lugares de feira e repavimentação do largo da feira e reformulação do edifício do Mercado Municipal.

"O projecto do Mercado Municipal ainda é um pré-projecto. Iremos contratualizar com o arquitecto brevemente, para que possa também avançar", referiu o autarca.

"O mercado municipal está degradado, precisa de ser repensado nas suas funcionalidades. Poderá ser requalificado a pensar em finalidades diferentes daquelas para que serviu, não deixando de servir essas finalidades. Também o espaço circundante ao Mercado, consideramos que está velho e a precisar de uma requalificação, para ser devolvido à comunidade melgacense como um espaço de qualidade para todo o ano, com dimensão e qualidade para a feira semanal com outra qualidade e beleza arquitectónica", referiu o autarca.

João Martinho

Tudo como dantes

Submetidas que foram à apreciação da vereação municipal as contas de 2015, no passado dias 22 de Abril, mais uma vez, constatamos que estas se encontram em linha com o exercício dos anos anteriores, confirmando-se a estagnação económica do concelho, a falta de imaginação gestonária do actual executivo socialista e a falta de dinâmicas internas capazes de promover mais bem estar e mais felicidade aos melgacenses.

E se pensamos, num exercício mais abrangente, no que foi feito nestes dois anos de mandato, vemos muito pouco ou quase nada. Com efeito, reconhecemos algumas alterações na organização e funcionamento dos serviços municipais, com vista a introduzir maior racionalidade na gestão dos recursos humanos, mas quanto àquilo que deveria ser essência da acção municipal, traduzida em acções reais, materiais e concretas que tivessem por finalidade o aumento do bem estar e da qualidade de vida dos melgacenses, registamos uma nulidade chocante.

As contas de 2015 limitam-se, assim, a repetir as nossas fragilidades de muitos anos:

- a incapacidade de criar postos de trabalho e emprego;
- a pouca capacidade de atracção de empresas;
- a confirmação do definhamento da actividade comercial e da restauração no concelho;
- a incapacidade de promover a fixação da população, conduzindo, por um lado, ao envelhecimento acentuado da população, por não existir dinâmicas de renovação de gerações e, por outro, a uma forte desertificação social que constitui a causa directa da crise das actividades atrás referidas;
- a baixa capacidade de gerar receitas próprias, comprometendo a autonomia financeira do município;
- a excessiva dependência da aprovação de candidaturas comunitárias, o que compromete de forma significativa a capacidade de realização colectiva do município;
- o esquecimento assumido das freguesias, deixando-as à mercê das suas receitas próprias, o que põe em causa o desenvolvimento integral e harmonioso do concelho.

Além disso, a maioria socialista tenta evidenciar a boa execução das contas de 2015, com a diminuição do serviço de dívida do município, quando na verdade, mais do que um acto de boa gestão ou de racionalidade económica, a diminuição da dívida expressa, apenas, o respeito pelo cumprimento pontual e integral dos nossos compromissos. Já louvável seria, e teria merecido o meu aplauso, se o município estivesse a gerar, e não está, recursos financeiros excedentários que permitissem o pagamento antecipado dos empréstimos contraídos, o que não acontece, infelizmente. Não há assim, razões para se embandeirar em arco.

Por outro lado, a mesma maioria fala em exercício de rigor, mas rigor pressupõe eficiência e eficácia na utilização de recursos e, isso, está longe de ser conseguido pela acção municipal.

Basta olhar para alguns equipamentos e algum património que não são usados, que estão abandonados ou que têm uma utilização condicionada por falta das condições adequadas ao seu funcionamento, para percebermos que estamos muito longe do rigor apregoado.

Foram estas algumas razões que fundamentaram o meu voto contra as contas de 2015. Também aqui, tudo como dantes, portanto!

Manuel Fernandes
Vereador independente

Instituições e Ordenação diaconal do passado dia 10 de Abril, na Sé de Viana do Castelo



O Rogério é o segundo a contar da esquerda



Rogério

Leitores: João Martinho Amorim - paróquia de Santa Eulália de Rio de Moinhos (arciprestado de Arcos de Valdevez)

Luís Armando Martins - paróquia de São Tiago de Poiães (arciprestado de Ponte de Lima)

Rogério Rodrigues - Paróquia de São Tomé de Couso (arciprestado de Melgaço)

Acólito: Vítor Miguel Rocha - paróquia de São Pedro e São Paulo de Serreleis (arciprestado de Viana do Castelo)

Diacono: Fábio Jorge Carvalho - paróquia de N. S. Da Expectação de Carvoeiro (arciprestado de Viana do Castelo)

Um restaurante que atrai, com a Itália a seus pés



Eduardo Miguel, proprietário da pizzaria e restaurante Dy Michelys, é o exemplo de que não se pode deixar esgotar as fórmulas. Quando percebeu que o conceito Sandes & Baguetes, só por si, já não se traduzia no apelo de outra, mudou o conceito e é hoje um renovado e restaurante pizzaria.

A marca Dy Michelys, que há cerca de um ano ostenta em placa bem visível no exterior do estabelecimento, junto à Escola Básica e Secundária de Melgaço, apresenta-se como uma nova oferta, ao fim de onze anos de aposta num ramo de negócio que dependia, pela proximidade, da população escolar.

Sem fechar a porta à carteira de clientes até aqui criada, foi somando novos perfis de cliente. “Da escola vinha cada vez menos gente, por causa das restrições às saídas dos alunos, por isso ou nos adap-

távamos ou fechávamos”, refere o proprietário.

Recusando-se a desistir, decidiu capitalizar o conhecimento na arte da pizzaria, certificado pelas inúmeras formações que fez sobre cozinha italiana e na experiência prática em pizzaria que trabalhou no seu e noutros estabelecimentos.

“Neste momento, somos uma pizzaria, equipada para fazer tudo o que tem a ver com a cozinha italiana, desde as pizzas às massas, passando pelas lasanhas”, adianta. Mas em Roma, sê romano, ou neste caso... “Mas também temos comida portuguesa, como a Francesinha à moda do Porto, o Prego no prato e até o Bacalhau à Dy Michelys, um prato personalizado”.

Mantém, com a devida resposta opcional “os adeptos das sandes” cujo pão é ali cozido e preparado, mas “o rótulo Sandes & Baguetes acabou, agora somos outra coisa”.

“Sou de Monção, mas acredito em Melgaço”

É na diferença que asseguram pontuar a até trazer outros públicos a Melgaço. “Temos uma oferta muito grande. Em Melgaço, Monção ou na Galiza, ninguém tem tanta escolha como nós temos”, assegura Eduardo Miguel.

Contadas, são cerca de cem as hipóteses da ementa, sendo mais de trinta de pizzas diferentes, cozidas no momento. São por isso mais as escolhas que os lugares sentados, quase oitenta lugares no interior.

Tem sido o trunfo que faz os visitantes espanhóis virarem à direita logo à entrada da vila, numa localidade onde os turistas espanhóis não tem tido grande expressão. “Vemos agora por aqui espanhóis que a gente nunca viu. Antigamente, não víamos aqui um espanhol, agora já vem cá com regularidade”, diz com satisfação.

Motivado a reformular a carta de opções com regularidade, Eduardo diz que são estes investimentos no serviço que geram retorno. “Se não investirmos, não vamos ganhar, e cabe a cada empreendedor fazer mais para que o investimento tenha retorno”, considera.

Na mesma linha, olha para a economia melgacense com esperança de que possa ser mais do que os vaticínios de despovoamento. “Eu sou de Monção, onde tenho casa, mas ao longo deste anos já vivi mais em Melgaço do que em Monção e acredito em Melgaço. Se não tivermos só o público melgacense, podemos chegar a outros mercados, a outro lado. Essa é a minha convicção”.

Sinais de abertura ao mercado espanhol estimulam Eduardo Miguel, mas até o concelho tem a ganhar com este atractivo na nossa terra, tornando-se mais visitável por uma comunidade que, sendo vizinha, não tem por hábito visitar a margem portuguesa do rio.

João Martinho

RESTAURANTE “O Adérito”

Adérito Pires da Costa

ESPECIALIDADES:
Bacalhau à Casa
Cabrito Assado no Forno • Cozido à Portuguesa
Lampreia na época ou por encomenda

ALMOÇOS, JANTARES E BANQUETES
SERVIÇO DE CASAMENTOS, BAPTIZADOS E COMUNHÕES
SALA C/ CAPACIDADE PARA 300 PESSOAS

MONTE DO POMBAL • 4960-330 MELGAÇO
Tel.: 251 404 412 • Tlm.: 966 575 716 • Email: restaderito@kanguru.pt
www.oaderito.com

HB
HOTÉIS BOAVISTA
★★★

Peso
Paderne
Melgaço

Alojamento e Restauração

Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

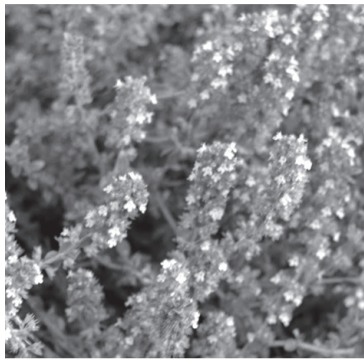
- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

BONS PREÇOS

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350
geral@hotelboavistamelgaco.com
www.hotelboavistamelgaco.com

O Tomilho

Ao longo dos tempos foram muitos os usos dados às plantas que cresciam espontaneamente nos campos e bosques. Eram usadas para condimentar os cozinhados, tratar as mais variadas doenças, aromatizar a casa ou a roupa, servir de alimento ou elaborar xaropes, licores e compotas. As folhas, os caules, as raízes, as flores ou os frutos dessas plantas eram tidos como pequenas dádivas da natureza.



Hoje, estive com os meus alunos a fazer pomada de eucalipto e tomilho que, quando aplicada no peito e no nariz em casos de constipações ou gripe, possui propriedades calmante e descongestionante das vias respiratórias.

Sobre os benefícios do eucalipto, já falei noutra artigo. Hoje o rei é o tomilho.

O tomilho é uma das plantas mais comuns na cozinha, sendo fácil de adquirir nas lojas especializadas ou supermercados em muitas partes do mundo, ou de cultivar na nossa horta. Não é nenhum segredo que o tomilho pode ser usado como efetivo condimento para dar um sabor especial à comida, especialmente a sopas e carnes.

O tomilho é uma erva muito usada para tratar doenças nas vias respiratórias, uma vez que atua como antisséptico e expetorante. Deste modo, tomar infusões de tomilho poderá ajudar-nos a eliminar a mucosidade e a reduzir a tosse no caso de constipações, gripes, catarro, etc. Por outro lado, também se pode usar contra problemas gastrointestinais e de digestão, visto que o tomilho evita a formação de gases e pode ser útil em casos de indigestão, flatulência ou dores de estômago.

Esta erva medicinal é capaz de reduzir os espasmos estomacais e intestinais e, por sua vez, aumentar a secreção de biliar e, por conseguinte, facilitar o processo de digestão.

O tomilho é uma planta subarborescente, de textura semilenhosa e amplamente utilizada desde a antiguidade pelas suas propriedades místicas, antissépticas, condimentares e aromáticas. O nome científico da planta – "Thymus" – significa coragem em grego. Os antigos gregos e romanos acreditavam que a planta os encorajava e motivava, e os ramos de tomilho eram utilizados nos banhos e vestimentas dos guerreiros antes das batalhas.

Esta planta de sabor picante e único é indispensável nas nossas hortas, podendo ser plantada em vasos, embora prefira ser plantada diretamente nos canteiros. As suas folhas pequenas podem ser utilizadas frescas ou secas no tempero de carnes em geral, sopas, pizzas e molhos a base de tomate ou queijo. Deve ser cultivada ao sol ou meia-sombra, em solo bem drenável, enriquecido com matéria orgânica e irrigado a intervalos regulares. Não tolera a encharcamentos, mas sobrevive bem por curtos períodos de seca. Apesar de ser uma planta perene, o tomilho é cultivado como anual para uso culinário. As podas devem ser realizadas depois da floração. Multiplica-se por sementes, estaca, alporquia e divisão dos ramos enraizados.

Teresa Tábuas

Santa Casa da Misericórdia de Melgaço reflectiu sobre o antes e depois de Abril de 1974

A Santa Casa da Misericórdia de Melgaço assinalou a 10 de Abril, com musica e depoimentos, a iniciativa "Artes de Abril em Liberdade", no mês em que se comemoraram 42 anos desde a "revolução dos cravos".

Numa das salas das instalações do antigo Hospital da Misericórdia, actualmente base de alguns serviços da instituição, a sala encheu-se de música, pelas mãos do pianista Pedro Carlos, em momento musical antes das intervenções.

O músico Gabriel Matos encerraria a sessão, com músicas do repertório popular, tocadas em guitarra acústica.

O padre Carlos Nuno Vaz, director d'"A Voz de Melgaço", foi às memórias, suas e às escritas pelo seu tio e padrinho, o padre Carlos António Vaz – fundador deste jornal e provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço de 1960 a 1970 – para construir uma "Viagem ao antes e depois do 25 de Abril de 1974 - ecos da emigração" com o rigor do sentido à época.

Foi nos documentos da história recente que a pesquisa do padre Carlos Vaz desembocou nos desaires de quem "só à sétima vez conseguiu passar para França, depois de ter sido preso e recambiado para Portugal nas tentativas anteriores", nas tentativas frustradas de quem acabava por perder a jornada a poucos passos do fim, por ser "preso, multado e devolvido a Portugal" estando já na Baiona francesa.

Mas, "e se não fosse o que os emigrantes construíram, se não fossem as reformas dos que vivem cá, como seria Melgaço?", lançava o padre Carlos Vaz à reflexão da assistência, recordando as preocupações do seu tio e padrinho, que já há sessenta anos "pedia uma terra mais rica" para os que aqui nasciam.

Recordando um antes do 25 de Abril não necessariamente "cinzento" como as fotos da época traduzem, Carlos Vaz questionou a liberdade de expressão num momento em que um membro do Governo se demitia, vítima de palavras ditas (escritas).

João Martinho



Allianz

Liberty Seguros

LUSITANIA
Grupo Montepio

AXA

MCA- Mediação de Seguros Lda

Isp nº 413392428

Rigor no Preço.... Rigor na Protecção

Consulte-nos sempre – Com certeza ficará satisfeito

Escritórios :
Rua Fonte da Vila S/n
4960-546 Melgaço
Tel : 251402903 Fax : 251402907
mail : mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233
4950-855 Cortes - Monção
Tel / Fax : 251 656232
Tlm 966747834

Protocolos de Seguros

Forças Militares (GNR, PSP, etc)
Professores, Função Pública
Médicos, Dentistas, Veterinários

Legalizações automóveis

Regime Geral
Regime de emigrante
Pergunte sobre o seu caso em especial

"Um Dia Pela Vida" e também pela união de povos ibéricos Iniciativa já é uma causa internacional



O projecto "Um Dia Pela Vida" Melgaço estende-se pela primeira vez um iniciativa internacional e serviu de mote a uma reproximação de iniciativas entre Melgaço e Padrenda, município espanhol da província de Ourense.

As responsáveis locais da campanha de sensibilização da Liga Portuguesa Contra o Cancro organizaram um encontro que tinha o marco nº1, em Cevide, Cristóval, como símbolo de uma acção de sensibilização que envolve a população portuguesa de Norte a Sul, mas o gesto acabaria por estreitar laços entre autarcas e

dinamizadores da iniciativa. A ida ao marco nº1 de Portugal acabaria por não se concretizar devido às condições meteorológicas, mas a primeira acção internacional, a 1 de Maio, percorre a fronteira nesta linha.

A Andaina Solidaria y Convivencia Internacional [Caminhada Solidária e Convívio Internacional], organizada pelos dinamizadores da associação de habitantes de Padrenda, Alfonso Gómez Viso e Jose António Reis, com o apoio da autarquia local, assinala um novo ponto de partida para as acções e projectos conjuntos que ambos os autarcas pretendem desenvolver no futuro.

A relação de proximidade entre os municípios galego e português não é de hoje, como recorda o autarca de Melgaço, mas a relação institucional e efectiva das povoações poderá ter "desacelerado" devido à perda de relações comerciais ou até do fluxo

rodoviário, que passou a fazer-se pela Ponte Internacional do Peso (Paderne).

"A ligação [de Melgaço] com Padrenda é de há muitos anos, basta lembrar que a fronteira principal em toda esta linha desde Valença, era esta. São Gregório terá sido, em movimento, a terceira fronteira mais importante do país, depois de Valença e Vilar Formoso", indica Manoel Batista, que marcou presença neste encontro com o congénere de Padrenda, representantes da LPCC e com o cônsul Adriano Marques de Magalhães, melgacense reconhecido

idades e associações, nomeadamente da Liga Portuguesa Contra o Cancro e da Asociación Española Contra el Cáncer.

"Este projecto nasceu com Melgaço, este "Um Dia Pela Vida" é em Melgaço, mas permitiu esta ligação com Padrenda e até com Arbo, embora uma ligação mais forte a Padrenda", sublinhava o autarca de Melgaço a este jornal, manifestando no entanto a vontade de que este seja um ponto de partida para uma relação a outros níveis.

"Ao nível do nosso projecto, que é o festival de cinema [Filmes

mos procurar alavancar esta relação com Padrenda", referiu Manoel Batista.

Manuel Pérez Pereira, Alcalde de Padrenda há vinte e cinco anos, notava também com satisfação esta primeira "convivência" entre Portugal e Espanha nestes moldes e também prometeu para outros temas o encontro de comunidades.

Para o futuro, admite procurar, junto da Câmara de Melgaço, "para que se crie uma rota conjunta, junto ao Trancoso" com passagens sobre o rio que permitam continuar no país vizinho uma rota que apenas de um



em Padrenda que apoiou a iniciativa "Um Dia Pela Vida" desde o início da campanha.

Neste encontro, realizado na Casa da Torre, casa de família de Adriano Magalhães, em São Gregório, uniram-se representantes de en-

do Homem], procuramos que ele tivesse ligação com Arbo e vamos tentar mantê-la, mas historicamente a nossa relação, até nas identidades do projecto, que é a questão do contrabando e da emigração, são muito mais profundas com Padrenda. Va-

lado não teria o mesmo interesse turístico ou seria tão viável. O passado transfronteiriço seria a solução para a "revitalização da margem portuguesa e reforço da aposta galega", notava o autarca de Padrenda.

João Martinho

30.000€ M019/2014



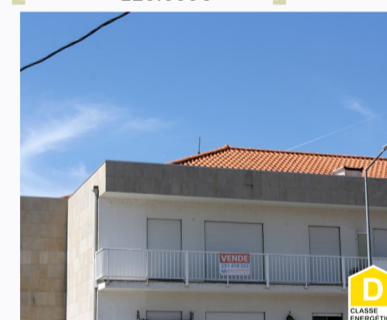
Excelente propriedade com terreno de cultivo com 2300m2 e boa exposição solar situado na freguesia de Paderne.

65.000€ M015/2015



Ótimo terreno de cultivo com vinha alvarinha implantada e a produzir, com cerca de 1 hectare.
Valor negociável.

120.000€ M045/2014



Apartamento T3 nas Carvalhiças. Cozinha equipada, apartamento com pré instalação de aquecimento a gás, amplo, bem localizado, com arrecadação, com

120.000€ M010/2014



Moradia de r/c e andar, anexo, rossios e terreno de cultivo com aptidão construtiva. Local tranquilo e aprazível com boa exposição solar.

135.000€ M028/2015



Moradia de rés-do-chão e andar, com rossios e anexo. Ótima localização e boa exposição solar. Área total 500m2.

398.000€ M014/2013



Quintinha composta de moradia de 2 pisos, anexo, rossios, pomar, terreno de cultivo e vinha alvarinho. Área total aproximada de 9000m2. Excelente localização junto ao parque termal do Peso.

100.000€ M049/2015



T3 espaçoso com arrumos, lavandaria e frentes viradas a nascente e poente. Bem localizado.
Valor negociável.

Administração de Condomínios



O serviço é prestado atendendo à necessidade de cada cliente, com o máximo rigor, transparência! Temos uma equipa de profissionais com formação superior, em atualização permanente de conhecimentos, potenciando assim os resultados dos serviços prestados



Contabilidade

Informática

Imobiliária

Rua Dr. António Durães, n.º 65 r/c Dto, 4960-522 Melgaço | Telfs: +351 251 418 322 | +351 933 972 905 | www.ukubo.com | info@ukubo.com

AMI: 9383

Melissa Alves sobrevoou a ilha de Jersey aos comandos de um avião e agora quer fazer o curso de pilotagem



Em edições anteriores deste jornal, já demos conta da história de Melissa Alves, a jovem de 22 anos, filha de emigrantes portugueses a viver em Jersey, que apesar da mobilidade reduzida (que a obriga a deslocar-se em cadeira de rodas) e das dezoito operações, continua a somar realizações.

As limitações que no passado preocuparam Henrique e Maria Alves, os pais da jovem, hoje quase não se fazem sentir perante a lista de objectivos conquistados. Depois de tirar a carta de condução, e completar o curso de economia e turismo, Melissa olha agora com emoção para a possibilidade de poder fazer o curso de pilotagem de avião (de recreio).

Depois de conseguida a "peça" que adaptaria os controlos dos pedais para as mãos, a hipótese tornou-se mais palpável. No dia 16 de Abril último, fez a primeira experiência. "Fui convidada a experimentar conduzir o avião, já com a peça nova, que é um género de controlo que permite controlar os pedais com as mãos", explica Melissa.

"Deixaram-me conduzir o avião por cima da ilha de Jersey, no Canal da Mancha. Tinha um piloto ao meu lado a explicar tudo mas era eu a conduzir. Tipo uma aula! Os meus pais também foram e estavam comigo no avião, indo eu sentada no lugar do piloto!", conta Melissa com emoção.

Diz ter sido a experiência da sua vida e antes de saber quando e se pode continuar a ter aulas, já foi pioneira na ilha de Jersey.

"Foi uma experiência espetacular, sinto-me mais segura a conduzir um avião do que um carro. Agora espero continuar a ter aulas, mas ainda não está nada confirmado. Fui a primeira pessoa com este controlo novo a conduzir um avião pequeno na ilha e a primeira pessoa de cadeira de rodas a ter controlo completo de um avião. Isso em si já é espetacular!".

Uma concretização surpreendente!

João Martinho

Especialistas que põem em causa as convenções populares



"Os fumeiros combinam muito melhor com alvarinhos antigos do que com alvarinhos novos"

Uma das novidades da 22ª edição da Festa do Alvarinho e do Fumeiro foram os workshops, showcooking's e harmonizações e as provas comentadas, em sessões com especialistas de cada área a apresentar. "A Voz de Melgaço" esteve em algumas destas sessões e questionou os especialistas, que não se coibiram em desafiar as convenções instaladas no momento de apresentar novas formas de valorizar o produto. Os vinhos velhos são melhores para acompanhar com o fumeiro do que um novo? A broa pode revelar-se uma má escolha no momento de apreciar um presunto de porco bísaro? Vejamos o que dizem os especialistas.

Na prova comentada "Vinhos Alvarinho, Clássicos e Novidades", Aníbal Coutinho, enólogo, crítico de vinhos e mentor da página internet sobre vinhos w-anibal.com, mostrou as diferenças entre os vinhos "acabados de espremer" (última colheita) e os alvarinhos com mais de dez anos.

Investido como confrade na Real Confraria do Vinho Alvarinho, o conceituado enólogo manifestou a sua preocupação com o futuro da competitividade da região, dado que "em Setembro, os alvarinhos já estão esgotados. Neste momento há mais procura do que oferta de Alvarinho. O que é bom para a região e isso nota-se no preço da uva, portanto vale

a pena que se criem condições para preservar esse tesouro".

"Não podemos ir contra regras comunitárias, mas é importante reflectir sobre a introdução de alguma palavra ou expressão que garanta aos consumidores a diferenciação dos Alvarinhos de Monção e Melgaço", sugeria o enólogo.

Sobre as potencialidades de envelhecimento dos brancos Alvarinho da sub-região, Aníbal Coutinho diz que é preciso aprender a esperar que o vinho envelheça. "Eu, em casa é hábito beber brancos com mais idade, mas não é o estilo ou a moda portuguesa, que habitualmente prefere consumir aquilo que é acabado de espremer e estamos a perder muita complexidade, muitos aromas novos", explica.

"Estamos a ver vinhos que evoluem e que combinam melhor com outro tipo de comidas. Os fumeiros combinam muito melhor com alvarinhos antigos do que com alvarinhos novos, de longe. Lanço o desafio aos leitores do jornal, para que façam esta comparação", sugere o especialista.

Como guardar, e quanto tempo pode aguentar um Alvarinho na garrafa?

"Os vinhos vendem-se no ano [seguinte à colheita] e não chegam para o ano todo, por isso tem de ser o consumidor a comprar em quantidade para guardar. Tal como fazem com os tintos, façam-no também com Alvarinho, que pode envelhecer muito bem até aos dez anos. É a idade média que qualquer produtor deve ter em consideração", indicou.

Nem sempre a broa é o acompanhamento ideal para o presunto

Vitor de Oliveira, Chef Cortador e formador da Academia de Corte, apresentou em Melgaço o workshop de demonstração de corte de presunto, onde reconheceu ser necessário valorizar a matéria prima e ter mais charme na apresentação.

Mas como fazer, numa terra onde a tradição é a de que "toda a gente sabe cortar presunto" e é em "fatia grossa", para reunir as pessoas em convívio?

"Eu não mudo receitas, mudo os procedimentos para que tenhamos uma melhor experiência e os produtores tenham mais rentabilidade. Isso é algo que não se muda de um dia para outro, nem com uma festa", referia o Chef.

E se o mel com presunto não é suficientemente desafiador – "não é nenhuma invenção, são dois produtos que casam bem", garante Vitor de Oliveira – o mesmo não acontece quando o formador nos diz que nem sempre a broa é o acompanhamento ideal para o presunto, mas explica:

"No bísaro, a carne é mais tenra. À textura da carne, por mais suave e mais gorda que é, acrescentarmos a gordura da broa não é razoável".

Ainda assim, deixa uma janela de oportunidade para que a matéria prima se ajuste e resulte melhor. "Aqui [em Melgaço] já vi uma broa com mais centeio que já é melhor para o presunto, por isso depende, às vezes, da broa que escolhemos para complementar", esclarece Vitor de Oliveira.

João Martinho



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º 4950 - Monção 251 652 756

MIRACASTRO ALBERGARIA
CASTRO LABOREIRO
Tel. 251 460 020
Fax 251 460 029

Albergaria
14 Quartos c/ casa de banho privativa, telefone, ar condicionado e TV.

Restaurante
Sala com capacidade para 250 pessoas. Casamentos, Baptizados, e outros eventos.

Especialidades:
Cabrito assado no forno, bacalhau com broa; Vitela dos nossos pastos; Sobremesa típica.

"Resistências" sucumbiram ao sucesso da 22ª Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço

A 22ª edição da Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço, que decorreu de 22 a 24 de Maio, apresentou-se com imagem retocada, uniforme e mais "urbana".

Concebida a ligeira mexida na imagem e conceito da festa maior do concelho melgacense sobreviveu aos vaticínios de fracasso por quem mostrou "muitas resistências até ao momento de acontecer", notava o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista.

Pela mesma altura, ainda sem reunir com produtores ou ter feito as contas, a organização assegurava no entanto que, ao longo dos três dias, terá passado um número superior aos cinquenta mil visitantes geralmente apontados pela comunicação social e indicados em edições anteriores.

A afluência constante e sobretudo o facto de ser feriado no dia a seguir ao evento (25 de Abril) equilibrou por cima um dia tradicionalmente mais fraco, de fecho de festa.

O stock de cerca de quinze mil copos alusivos à edição de 2016 esgotou às primeiras horas da tarde de domingo, o que levou a organização a recorrer aos excedentes da edição anterior. A contabilização da venda de copos, não podendo ser considerado um indicador para contabilizar o número de visitantes, dado o número de pessoas que não compraram o kit, deixa por isso com alguma margem de erro as contas finais a esta altura.

"Achamos que este restyling foi muito bem sucedido, com muitas resistências de vária ordem até ao momento de acontecer, mas penso que as resistências acabaram por sucumbir e perceberam que foi uma aposta ganha", disse Manoel Batista, decidido em apostar numa festa "um pouco mais urbana, sem deixar de ter as características de festa popular".

No último dia de festa, a participação popular "saltava à vista" e esteve ao rubro sob as tendas e só bem depois das 20h, hora marcada para o encerramento do evento, a população foi debandando.

De notar que em 2017 o calendário volta 'empurrar' a Festa do Alvarinho e do Fumeiro para um fim-de-semana prolongado, com feriado à segunda-feira. Agendada para o último fim-de-semana de Abril, a festa realizar-se-á entre os dias 28 e 30 de Abril (sexta-feira a domingo), começando o mês de Maio na segunda, Dia do Trabalhador e feriado em Portugal e em alguns países pelo mundo.

Pela exclusividade e pela estratégia icónica dos "visionários" Manoel Batista acredita que o Governo ainda pode reverter processo de alargamento

Compromissos de agenda do Ministro da Ciência, Tecnologia e do Ensino Superior, Manuel Heitor, de visita à região minho-



ta, atrasaram a cerimónia solene de inauguração oficial da festa, inicialmente prevista para as 18 horas – só aconteceria já depois das 20h – a seguir à qual estava agendada uma reunião de traba-

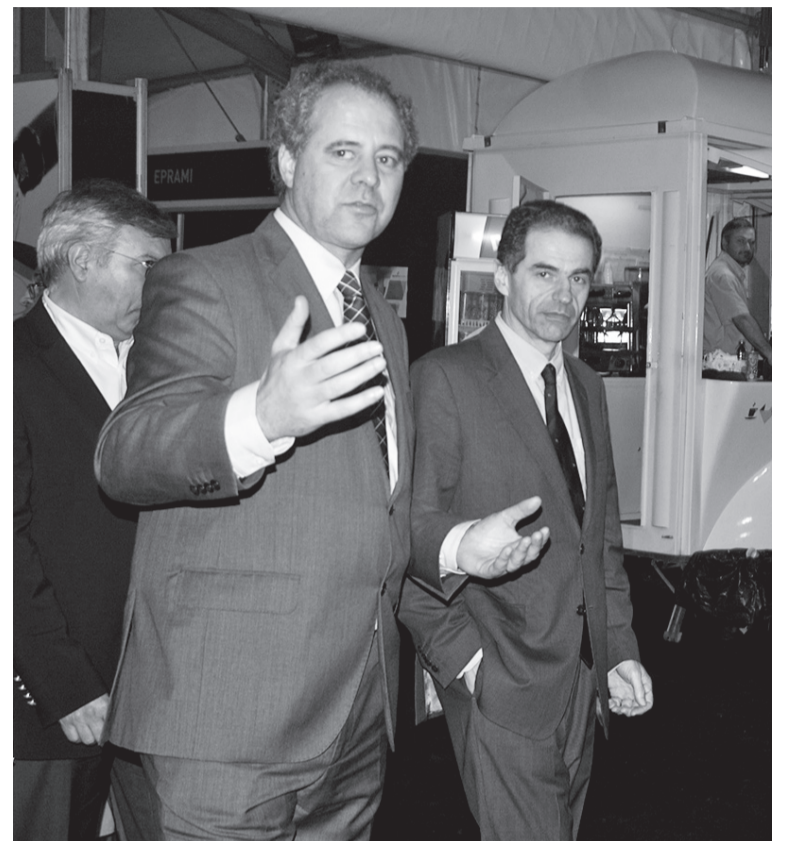
lho com alguns responsáveis de estabelecimentos de ensino superior do Norte, mas a sessão breve foi suficiente para que o autarca local sublinhasse a sua oposição ao alargamento da Denominação de Origem (DO) Alvarinho a toda a região dos Vinhos Verdes.

Manoel Batista congratulou "os visionários que desenharam a festa do Alvarinho e do Fumeiro e a tornaram um ícone de Melgaço", esgotando stock's e a capacidade hoteleira do concelho, mas voltou a enfatizar a "luta pela diferenciação" dos alvarinhos da sub-região de Monção/Melgaço.

"Esta sub-região de Monção/Melgaço tem características únicas, consegue produzir vinhos únicos. Não desistiremos de lutar para que a sub-região e os seus produtores sejam considerados de forma diferenciada, porque aquilo que é diferente tem de ser tratado de forma diferenciada", frisou.

Defendendo as especificidades de um território "assente em pequenas explorações", o autarca manifestou-se confiante de que o executivo liderado por António Costa "será capaz de agarrar novamente neste dossier, fazer o tratamento adequado e fazer com que a sub-região seja diferenciada, como queremos que seja".

A presença do Ministro da



vinho" e trazem até aos operadores locais o conhecimento a aplicar em novas oportunidades, como será o "aproveitamento dos resíduos do vinho".

Por seu lado, o representante do Governo optou por sublinhar a importância do conhecimento para saber diferenciar os produtos, "homenagear e diferenciar a região do Alvarinho" e a importância dos investigadores neste processo. "O trabalho para diferenciar o Alvarinho só poderá ser possível se se conhecer a região", indicou o ministro.

Almoços das 11 às 16 horas e jantares até à 1 hora da manhã marcaram ano de consideráveis melhorias na restauração

A renovação da imagem e distribuição do espaço sob a car-

pa da Festa do Alvarinho e do Fumeiro notou-se sobretudo na zona da restauração. As associações e restaurantes locais fizeram um balanço "muito positivo" desta 22ª edição.

Presente na zona da restauração desde o ano 2000, primeiro com o espaço atribuído à Associação de Promotores Turísticos da Branda da Aveleira e desde há duas edições com o restaurante "O Brandeiro", Agostinho Alves traçou uma evolução considerável na melhoria das condições nesta área do evento.

"A restauração melhorou muito, ganhou outro conceito, uniformidade e condições óptimas para trabalhar", sublinhou. A presença, mais do que pela questão financeira, "vale a pena pela promoção que se faz à casa", nota, dando conta de um dia em que o restaurante, na Aveleira, lotou à hora de almoço.

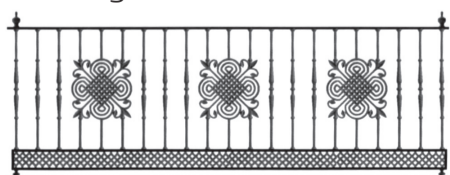
Na zona de restauração da feira, os 72 lugares sentados, atribuídos a cada restaurante presente, deram à sua maneira o suporte à promoção ou angariação de fundos.

A Associação Social e Cultural "Dona Paterna", com edifício e novas valências inauguradas em Agosto de 2015, fazia também um balanço de "um fim-de-semana forte".

Rui Pinho e Manuel Codesso, presidente e vice-presidente, respectivamente, davam de um au-

SERRALHARIA BOAVISTA

DE: Rodrigues & Sarandão, Lda.



Boavista – Rouças | Telefone 251 403 567
4960 MELGAÇO



Daniela Afonso
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953
3590@solicitador.net

Continua na pág. seguinte

"Resistências"

Continuação da pág. anterior

mento do espaço e melhoria das condições, que contribuíram para que o serviço, com atendimentos desde as 19h à 1h da manhã se fizesse sem sobressaltos.

"Para nós, como associação de apoio social, é uma grande fonte de receita. O ano passado fizemos uma obra grande, de cerca de 400 mil euros e os fundos só cobriram 75 por cento, a outra parte temos de a arranjar e é isso que estamos a fazer. A Festa do Alvarinho é uma grande fonte de receita", observam.

O funcionamento do espaço de restauração nos três dias contou com a disponibilidade das funcionárias, que "graciosamente" contribuíram para suportar o serviço e viabilizar aquela que é a maior campanha de angariação de fundos. "Queremos agradecer às pessoas que por aqui passaram. Aos que continuam a dar-nos força, o nosso muito obrigado".

João Martinho



Espumante

Quinta do Regueiro



Medalha de Ouro em
LONDRES

A G R A D E C I M E N T O S

CENTRO FUNERÁRIO DO ALTO MINHO

António de Jesus Domingues

AldeiaGrande - P. Monte | 74 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Alfredo Rodrigues

Cela - Couso | 78 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Lina Azevedo Domingues

Castros - Paderne | 91 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Isolina d'Oliveira

(Mãe do João Carpinteiro)

Cristóval | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria do Rosário Pereira

Moinhos - Paderne | 74 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Rodrigues

Costa - Parada do Monte | 79 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Rosa Afonso

Casal - Parada do Monte | 87 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



António de Sousa

Barral - Paderne | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Sepriano Agostinho Domingues

Barroca - Gave | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Albertina Rodrigues

Pereira - Parada do Monte | 79 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



José de Carvalho

Baldosa - Gave | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Alberto José Esteves

Luzia - Penso | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Josefina Emília Rodrigues

Val - Chaviães | 77 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



NOTA: O Centro Funerário esteve com problemas de computador e internet, pelo que alguns dos agradecimentos ficaram para esta data e não para a que seria mais desejável.

Do sucedido, apesar de não ser nossa culpa, pedimos a melhor compreensão às famílias que solicitaram o respectivo agradecimento.

AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

Armandina do Carmo Lourenço

Chaviães | 78 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Joaquim Esteves Afonso

Penso - Melgaço | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Marieta Vaz

Penso - Melgaço | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria de Jesus Gomes

Alvaredo - Melgaço | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Lourenço Rodrigues Esteves

S. Paio | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Joaquina Gonçalves

Vila - Melgaço | 94 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria das Dores Soares

Roussas | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Esmeraldina Maria Pires (Naná)

Vila | 92 Anos

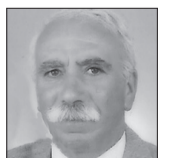
A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Alvaro Domingues

Penso - Paderne | 76 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



João Alves

Paderne | 99 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



|||| AGÊNCIA FUNERÁRIA ORQUÍDEA

Manuel Joaquim Vaz
Cubalhão - Melgaço | 93 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Higina Baleixo
Vila - Melgaço | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



José Esteves
Cortegada - P.Monte | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel José Gomes
Sante - S. Paio | 84 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Maria Manuela Anil
Pigarra - Carvalhiças - Vila | 66 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Joaquina Rosa Ropdrigues
Vila - C.Laboreiro | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Ermezenda Afonso
Vila - C.Laboreiro | 80 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Manuel Joaquim Rodrigues
Portela - C.Laboreiro | 66 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Laurinda Rodrigues
Coriscadas - C.Laboreiro | 93 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



Notariado Português
**CARTÓRIO NOTARIAL
DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/05/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICADO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação notarial lavrada no dia 19 de abril de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 43 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 130-E, **JOSÉ FERNANDES**, NIF 178 860 026 e mulher **SARA GONÇALVES** NIF 141 731 559, casados sob o regime de comunhão geral de bens, naturais do concelho de Melgaço, ele da freguesia de Roussas, ela da freguesia de São Paio, onde residem no lugar de Outeiro, titulares respetivamente, do bilhete de identidade número 1941312 de 24/08/2001, emitido pelo S.I.C. em Viana do Castelo e do cartão de cidadão número 02954022 4ZY8, válido até 28/01/2019, fizeram as seguintes declarações:

Que, são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrém do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, denominado "**Leira dos Tracinhos**", sito no lugar de Outeiro, freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, composto por terreno de cultivo e vinha, com a área de trezentos e noventa metros quadrados, a confrontar a norte e nascente com Oliveiros Manuel Domingues, sul e poente com herdeiros do Inocência Augusto Carpinteiro, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **415**, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declaram sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **71,55 euros**, ao qual atribui igual valor.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo predial de Melgaço, e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome da herança de Maria de Lurdes Marques.

Que o indicado bem veio à sua posse, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e cinco, quando, Manuel José Gomes e mulher Maria de Lurdes Marques, residentes que foram no lugar de Sante, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, entretanto já falecidos, lho ajustaram vender, não tendo contudo, chegado a formalizar a respectiva escritura pública de compra e venda.

Que, contudo, desde essa data, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o e colhendo os seus frutos, podendo e sulfatando a vinha, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, que invocam, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1

do art.º 101.º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Melgaço, 19 de abril de 2016.

A Escriutária Superior,

Maria Duarte Alves Dantas

Notariado Português
**CARTÓRIO NOTARIAL
DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/05/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICADO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e compra e venda lavrada no dia quinze de abril de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas trinta e oito e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 130-E, **MARIA ISABEL DA CUNHA ESTEVES DA ROCHA**, NIF 166 600 040, casada com **SÉRGIO DA ROCHA**, NIF 180 382 829, sob o regime da comunhão de adquiridos, natural da freguesia de Vila, concelho de Melgaço, residentes na Rua D. Afonso de Noronha, n.º 5, 3.º esquerdo, na Amadora, titular do bilhete de identidade número, 1756540 de 15/02/2001, emitido pelo S.I.C. em Amadora, fez as seguintes declarações, que com esta se compõem de três folhas.

Que é **dona e legítima possuidora**, com exclusão de outrém, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, denominado "Coutada da Fontainha", sito no lugar de Gavianceiras, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, composto por terreno de mato, com a área de quatro mil e quinhentos metros quadrados, **descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço sob o número **quatrocentos e noventa e dois**, daquela freguesia, com o registo de aquisição de metade indivisa a seu favor, pela apresentação cinco, de vinte e sete de maio de dois mil e cinco, sem mais inscrições em vigor, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 3254, com o valor patrimonial tributário de **quarenta e sete euros e vinte e sete cêntimos**.

Que o referido prédio, encontra-se inscrito na respectiva matriz em seu nome, justificante mulher.

Que o indicado bem, na proporção de **metade indivisa**, veio à sua posse já no estado de casada, em data correta que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e setenta e sete, quando, seus pais, Germano Esteves e Emília de Jesus Esteves, residentes que foram no lugar de Chãos, freguesia de Vila, concelho de Melgaço, entretanto falecidos, lho ajustaram doar, não tendo contudo, chegado a formalizar a respetiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, entrou na posse do referido prédio, na sua totalidade, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como sua dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, desbravando o mato, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio, uma **posse pacífica**, contínua e pú-

blica, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela **usucapião**, que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de tinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101.º do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL.

Cartório Notarial de Melgaço, 15 de abril de 2016.

A Escriutária Superior,

Maria Duarte Alves Dantas

Notariado Português
**CARTÓRIO NOTARIAL
DE MELGAÇO**

«A Voz de Melgaço» 01/05/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICADO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação notarial lavrada no dia 27 de abril de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 45 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 130-E, **MANUEL JOAQUIM RODRIGUES**, NIF 170 448 845 e mulher **TERESA MARIA GOMES RODRIGUES**, NIF 117 515 850, casados sob o regime de comunhão de adquiridos, naturais, ele da freguesia de Penso, concelho de Melgaço, ela da freguesia de Messegães, concelho de Monção, residentes na Avenida de Reiriz, n.º 894, da atual união de freguesias de Monção e Troviscoso, concelho de Monção, titulares dos cartões de cidadão respetivamente números, 03770081 2ZZ7, válido até 30/11/2019 e 08402840 8ZZ1, válido até 02/01/2017, disseram as seguintes declarações:

Que são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrém, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, designado por "Nobelo", sito no lugar de Felgueiras, freguesia de Penso, concelho de Melgaço, composto de terreno de cultivo e vinha, com a área de novecentos metros quadrados, a confrontar a norte com Idália Domingues, sul caminho público, nascente António Fernandes e poente Adelino Solha, inscrito na respectiva matriz sob o artigo **815**, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declaram sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **209,51€**, ao qual atribuem igual valor.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz, em nome de Joaquim de Sousa Rodrigues e Manuel Casimiro Rodrigues.

Que o identificado prédio veio à sua posse, já no estado de casados, em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de milnovecentos e noventa e cinco quando, os pais do justificante varão, Joaquim de Sousa Rodrigues e Joaquina Cândida Gil, e seus tios, Manuel Casimiro Rodrigues e mulher Maria da Glória Gil, todos residentes no referido lugar de Rabosa, lho ajustaram doar, não tendo contudo, chegado a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, no entanto, desde essa data, entraram na posse do referido prédio,

em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até ao dia de hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o e colhendo os seus frutos, podando e sulfatando a vinha, suportando as respectivas despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justificam a sua aquisição pela **usucapião**, que invocam, para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificante, nos termos do disposto no n.º 1, do art.º 101 do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL, na parte a que me reporto.

Cartório Notarial de Melgaço, vinte e sete de abril de dois mil e dezasseis. A Escriturária Superior,
Catarina Maria Vilas

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/05/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação e compra e venda lavrada no dia 27 de abril de 2016, neste Cartório Notarial, exarada a folhas 47 e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 130-E, Dr. Manuel Domingues, casado, advogado, natural da freguesia de Cubalhão, concelho de Melgaço, com domicílio profissional no Largo Hermenegildo Solheiro, n.º 238, 1.º, da atual união de freguesias de Vila e Roussas, concelho de Melgaço, que outorgou na qualidade de **procurador**, em representação de:

JOSÉ ANTÓNIO REIS PIRES, NIF 144 197 391 e mulher **MARIA FERNANDA GONÇALVES PIRES** NIF 183 338 405, casados sob o regime da comunhão geral de bens, naturais do concelho de Melgaço, ele da freguesia de Alvaredo, onde reside no lugar de Granja, ela da freguesia de Couso, fez as seguintes declarações:

Que, os seus representados são **donos e legítimos possuidores**, com exclusão de outrém, do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico denominado "Campo do Val" sito no lugar de Paço, freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, composto de terreno e vinha, com a área de trezentos e noventa e cinco metros quadrados, a confrontar a norte com Maria Armanda Meleiro e José Bento Gomes, sul e poente Eduardo José Pires e nascente Eduardo Joaquim Vaz, inscrito na

respectiva matriz sob o artigo 8140, ignorando o artigo da anterior matriz, o que declara sob sua inteira responsabilidade, com o valor patrimonial tributário de **cinquenta euros**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço e encontra-se inscrito na respectiva matriz em nome do justificante marido.

Que o indicado imóvel veio à posse do seu representado varão, ainda no estado de solteiro, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta e cinco quando, José Joaquim de Castro e mulher Teresa de Sousa Lobato, residentes que foram no indicado lugar de Granja da freguesia de Alvaredo, entretanto já falecidos, lho ajustaram vender, não tendo, contudo, nunca chegado a formalizar a respectiva escritura pública de compra e venda.

Que, no entanto, desde essa data, o seu representado e mais tarde o casal, entraram na posse do referido prédio, em nome próprio, posse esta que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, cultivando-o e colhendo os seus frutos, podando e sulfatando a vinha suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que tendo os seus representados exercido sobre o indicado prédio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica em seu nome, a sua aquisição pela **usucapião**, que invoca, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101 do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL. Cartório Notarial de Melgaço, 27 de abril de 2016.

A Escriturária Superior,
Maria Duartina Alves Dantas

Notariado Português CARTÓRIO NOTARIAL DE MELGAÇO

«A Voz de Melgaço» 01/05/2016

A cargo da Notária, Lic. Ana Martinha Alves Gonçalves Pereira

CERTIFICO narrativamente, para efeitos de publicação que por escritura de justificação lavrada no dia quinze de abril de dois mil e dezasseis, neste Cartório Notarial, exarada a folhas quarenta e uma e seguintes, do Livro de Notas para Escrituras Diversas n.º 130-E **GEORGINA PEREIRA DE ALMEIDA DA SILVA**, NIF 208 395 334, casada com Luís Filipe Fernandes da Silva, sob o regime da comunhão de adquiridos, natural

da freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, residente na Rua José António Cruz, n.º 62, 3º andar direito, na cidade de Braga, titular de cartão de cidadão número 10074553 9ZY1, válido até 01/06/2019, fez as seguintes declarações, que com esta se compõem de três folhas.

Que é **dona e legítima possuidora**, com exclusão de outrém do seguinte bem imóvel:

Prédio rústico, denominado "**Vinha da Costa**", sito no lugar de Costa, freguesia de São Paio, concelho de Melgaço, composto por terreno de vinha, com a área de duzentos metros quadrados, a confrontar a norte com Dídia de Oliveira Trancoso, sul caminho, nascente estrada e poente Raimundo José Gonçalves, inscrito na respectiva matriz sob o artigo 5579, ignorando o anterior artigo matricial, o que declara sob sua inteira responsabilidade com o valor patrimonial tributário de **cinquenta euros e quarenta e três cêntimos**.

Que o referido prédio **não se encontra descrito** na Conservatória do Registo Predial de Melgaço, e encontra-se inscrito na matriz em nome de António Augusto de Almeida.

Que, o indicado prédio veio à sua posse, em data que não pode já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e noventa e três, quando, ainda no estado de solteira, maior, António Augusto de Almeida e mulher Nicole Marie Julienne Debuyere de Almeida, residentes em New Jersey, Estados Unidos da América, lho ajustaram doar, não tendo, contudo, chegado a formalizar a respectiva escritura pública de doação.

Que, contudo, desde essa data entrou na posse do referido prédio, em nome próprio, posse que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como sua

dona por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, com aproveitamento de todas as suas utilidades, podando e sulfatando a vinha, suportando os respectivos encargos e despesas de fruição.

Que, tendo exercido sobre o indicado prédio, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública, que dura há mais de vinte anos, justifica a sua aquisição pela **usucapião** que invoca, na impossibilidade de se com-

provar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais.

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, o direito justificado, nos termos do disposto no n.º 1 do art.º 101 do Código do Notariado.

ESTÁ CONFORME O ORIGINAL. Cartório Notarial de Melgaço, 15 de abril de 2016.

A Escriturária Superior,
Maria Duartina Alves Dantas

NECROLOGIA Álvaro Domingues PESO



Com 76 anos, faleceu aquele que foi o primeiro empregado bancário do Banco Pinto de Magalhães, na altura em que não havia mais bancos abertos em Melgaço. Era natural de Castro Laboreiro, casado com a professora Maria Júlia Ranhada Domingues, pai do Dr. Alberto Ranhada Domingues, casado com a Dr.ª Maria João Costa, e Rosa Cristina R. D. Cravo Freilão, casada com o Eng. Mário Cravo Freilão. Deixa 4 netos: Francisco Ranhada Vieira Ribeiro, António Maria Couto Ranhada, Mariana Ranhada Domingues e Constança Couto Ranhada Domingues. Deixa ainda uma bisneta, a Maria Luísa Ranhada Domingues, que tinha apenas 15 dias quando ele faleceu.

Foi um marido exemplar, mesmo quando a inexorável doença de Alzheimer lhe foi tirando a lucidez. Foi um Pai amantíssimo e avô extremoso. Faleceu no Lar 'O Cantinho dos avós' em Eiró - Rouças, onde estava desde o dia 1 de Outubro de 2015. Deus concedeu-lhe ainda a especial graça de, antes de o chamar para Si, lhe ter dado uns momentos de lucidez para receber a Santa Unção e sentir que com ele estava e estaria sempre o melhor e único verdadeiro amigo - Jesus.

O seu funeral constituiu uma sentida e participada manifestação de pesar pela perda de um cidadão exemplar e um bom amigo de ajudar quem precisava. A esposa, filhos, genro, nora e netos receberam muitas provas de carinho, de todos os cantos do País e da França, Canadá e Brasil, entre outros países.

À família enlutada, grande apreciadora de «A Voz de Melgaço» e dos que a orientam, os nossos sentidos pêsames e a certeza das nossas orações.

Comarca de Viana do Castelo

A N Ú N C I O

Processo: 32/16.7T8MLG
Interdição/Inabilitação
N/Referência: 38911035
Data: 04-03-2016
Requerente:
Maria Isabel Leal de Lemos Pereira
Interdito:
Marisa Isabel Lemos Pereira

Faz-se saber que foi distribuída neste tribunal, em 04-03-2016, a ação de Interdição em que é requerida **Maria Isabel Lemos Pereira**, com residência em domicílio: **Lugar da Folia, Remoães, 4960-330 Remoães, Melgaço**, para efeito de ser decretada a sua interdição por anomalia psíquica.

A Juiz de Direito
Dra. Ana Catarina da Silva Matos
O Oficial de Justiça,
Almerinda Esteves

AGRADECIMENTO

A família de Álvaro Domingues agradece à Direcção do Lar 'O Cantinho dos avós' e respectivo pessoal cuidador, pela dedicação, entrega e carinho com que trataram o seu entre querido durante estes meses que ele viveu nesse Lar. Agradece ainda à direcção do Centro Social e Paroquial de Chaviães, bem como a todos os que nele trabalham, por terem comparecido no funeral do nosso querido familiar, que em tempos foi utente do Centro de Dia dessa instituição e porque sempre se manifestaram interessados pelo estado de saúde do nosso querido familiar quando ele foi para Eiró.

Obrigado e bem hajam!

A esposa, Maria Júlia Ranhada, filhos, genro, nora, netos e bisneta.

O "Peneda-Gerês Trail Adventure" passou por Melgaço

"Este trail já é uma marca na promoção do Parque Nacional"



A segunda edição do Peneda-Gerês Trail Adventure®, prova de Trail organizada pela empresa Carlos Sá Nature Events, passou por Melgaço nos dias 25 e 26 de Abril e voltou a surpreender os participantes.

Experimentados atletas puseram-se à prova "num território que tem tanto de difícil como de

belo" – garantiu Carlos Sá a este jornal – e a etapa que terminou no centro da vila melgacense, no dia 25, não facilitou a vida aos concorrentes. A prova começou em Sistelo (Arcos de Valdevez) e atravessou um vasto território do Parque Nacional Peneda-Gerês (PNPG) antes de terminar no centro urbano de Melgaço, frente à Câmara Municipal.

As primeiras provas competitivas da edição de 2016 do Peneda-Gerês Trail Adventure iniciaram-se a 24 de Abril em Arcos de Valdevez e Ponte da Barca, tendo cortado a linha de partida mais de 800

atletas, mas só um grupo restrito de 70 concorrentes pôde fazer esta segunda etapa, limitada por atravessar "zonas sensíveis" do PNPG.

A aventura, que durante oito dias atravessou os cinco municípios do Parque Nacional, consolidou a sua imagem e papel promotor da região à segunda edição e trouxe novamente ao Minho alguns dos mais assinaláveis ultra-maratonistas internacionais. Atletas de vinte nacionalidades percorreram o parque nacional a pé, desfrutando da paisagem e com "impacto reduzido" no ecossistema do PNPG.

"Foi um trabalho em sintonia com as entidades e com o Parque Nacional Peneda-Gerês. Este trail é já uma marca e a prova disso é ser-nos dada a organização do Campeonato do Mundo de Trail, a acontecer no dia 29 de Outubro no Parque Nacional, que começa na ponte do Rio Caldo, em Terras de Bouro, e termina no centro de Arcos de Valdevez", notava com satisfação Carlos Sá pouco antes de o brasileiro Chico Santos, de 36 anos, ter sido o primeiro a cortar a linha da meta da prova Sistelo-Melgaço, com um tempo de quatro horas e quinze minutos.

No dia seguinte, foi Castro Laboreiro a servir de fundo à prova competitiva dos atletas.

O evento promove toda a região e conta com o apoio dos cinco municípios do território do PNPG, nomeadamente, Arcos de Valdevez, Ponte da Barca, Melgaço, Montalegre e Terras de Bouro, onde a edição de 2016 terminou, a 1 de Maio, na Vila do Gerês

Para 2017, a data já está marcada e já há candidatos. "De 9 a 15 de Abril cá estamos para mais uma jornada", assegurou Carlos Sá.

João Martinho



MAJOTEC
Construções Técnicas Lda

- * Caldeiras a Pellets
- * Electrodomésticos
- * Aquecimento Central
- * Fogões a Lenha
- * Ar Condicionado
- * Bombas de Calor
- * Energia Solar
- * Piscinas
- * Aspiração Central
- * Sistemas de rega para vinha e jardins
- * Artigos Sanitários

Reduza os seus custos
PRODUZA A SUA PRÓPRIA ENERGIA

Autoconsumo Residencial



Caldeira a Pellets



Fogão a Lenha



Recuperador de Calor

Urb. Quinta do Peixe Frio
Loja 18
4950 - 401 Monção

Tlf: 251 653 508
Tlm: 966 503 669
969 024 741

www.majotec.com

Onde pára o nosso dinheiro?

Fixe esta sigla: CIJI – Consórcio Internacional de Jornalistas de Investigação.

Foi através desta entidade de que o semanário “Expresso” e a TVI são parceiros que estamos (felizmente) a saber onde pára o dinheiro que os portugueses que confiaram à banca.

Esse dinheiro de muitas poupanças foi desviado para *offshores* no estrangeiro com maior volume no Panamá, conforme tem vindo a ser revelado por aquele consórcio de investigação jornalística.

Para surpresa de muitos de nós, vimos serem revelados nomes de grandes industriais (muitos deles condecorados pelos P.daR.), alguns políticos, revelando agora alguns deles, com a maior desfaçatez, não se lembrarem de nada!

Inacreditável.

Os milhões que foram desviados através de várias empresas e organizações sediadas nesses paraísos fiscais, é de tal maneira avultado que se torna difícil contabilizar na sua totalidade, tal o “emaranhado” feito nas operações e respectivas transferências, de molde a despistar a sua proveniência. Só a estrutura do grupo Espírito Santo, tinha mais de 300 sociedades *offshore*!

Depois, é dinheiro que não foi declarado ao fisco. A situação é de tal modo grave, que só uma “lista de alegados pagamentos da ES Enterprises é considerada explosiva e o Ministério Público já teve denúncias de ameaças que levaram a protecção pessoal de envolvidos” (“Expresso” 23.04.16)!

A ES Enterprises, foi uma empresa criada em 1993, através de

uma operadora de *offshore*, sediada nas Ilhas Virgens Britânicas, e foi usada para fazer pagamentos durante muitos anos a gestores do BES e da PT, apesar de estes na altura já terem recebido as remunerações a que tinham direito em Portugal.

Ricardo Salgado, na Comissão de Inquérito, revelou na altura que várias centenas de pessoas (sem nunca contudo indicar os nomes), receberam pagamentos, eram pessoas influentes, tais como autarcas, funcionários públicos, gestores, empresários e até imagine-se jornalistas!

É por esta razão e também por outras que o nosso país, está colocado em boa posição pelos piores motivos, na listagem dos países mais corruptos.

O mesmo semanário noticia nesse dia que há mais de onze anos, foram encontrados dois milhões de euros, em dois cofres, na rua de São Bernardo, em Lisboa, numa residência onde se reunia o conselho superior do Grupo Espírito Santo, assim como mais elementos da família de banqueiros. Este dinheiro foi encontrado após uma busca feita, no ano de 2005, no âmbito da “Operação Furacão”. Como é possível que até ao momento, ninguém reclame esse dinheiro e dê uma explicação cabal da sua proveniência? É possível uma situação destas? Este caso insólito de abandono desse dinheiro, só pode causar suspeição por tal abandono!

Esta residência, onde viveu Ricardo Salgado, perto do Jardim da Estrela, era também onde funcionava a Espírito Santo Resources, o

BES Panamá e o BES Miami, para além da sede do conselho superior.

A busca realizada na altura desta “Operação Furacão”, pela equipa do procurador Rosário Teixeira, visava detetar indícios de fraude fiscal qualificada, associação criminosa e branqueamento de capitais, dando origem a que em 2014 abrisse “o inquérito-crime sobre os contornos do colapso BES. O memo procurador lidera actualmente a “Operação Marquês”, a investigação em que o ex-primeiro-ministro José Sócrates é suspeito de ter sido corrompido quando chefiou o Governo” (“Expresso”, 23/04/16).

É este o triste panorama do nosso país, onde acontecem os desvios de avultadas quantias para o estrangeiro dos banqueiros, para *offshores* no Panamá e outros países, de molde a fugirem ao pagamento de impostos, em esquemas com a conviência até de políticos, através de gabinetes de advogados, escudados pelo estafado segredo bancário.

É a classe média e os que mais precisam que pagam este desaforo que parece não ter fim.

Até quando?

Uma palavra para todos os jornalista que não se deixam intimidar numa imprensa ainda livre: “Expresso”, “Visão”, “Sábado”, “Negócios”, “Observador”, que não têm medo de denunciar os “sacos azuis” e os “tráficos de influência” que andam a minar há muito a vida do nosso país.

António Jorge Tavares
Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

Cerveja “Mesmo Boa” tem influência belga e sabe a Alvarinho de Melgaço

Da parceria entre o vinho Casta Boa e o conceito Bebipedala, de Carlos Araújo, surgiu uma cerveja artesanal que os criadores garantem ser “pioneira” em Portugal e na Europa pela junção que lhe dá o trunfo.

É a “Mesmo Boa” - este é mesmo o nome, não uma nota de prova - e tem na base o sabor da cerveja belga, mas é no final de boca que o Alvarinho sobressai e se revela o arrojo da experiência.

Dois sabores numa cerveja só, sendo um deles a alma dos vinhos de Melgaço, nem nos livros vem. “Não há registos de cerveja feita a partir de vinho, e fizemos alguma pesquisa neste sentido”, garante Carlos Araújo, criador do conceito Bebipedala, que já tem surpreendido pela inovação nas utilizações do vinho Alvarinho. No final de 2015

surgia a Trufa de Alvarinho, uma experiência que juntou o vinho com o chocolate.

“Sou pessoa de muitas ideias, diferentes. Um dia, de férias, provei uma cerveja artesanal, tipicamente belga, gostei do sabor. Mais tarde, lembrei-me disto. Contactei uns amigos que fazem cerveja artesanal, expliquei-lhes a ideia e eles gostaram”, descreve Carlos Araújo.

Seguiu-se o trabalho burocrático: “Fizemos pesquisa durante três meses, fizemos contactos a nível internacional, porque soubemos que em Portugal não havia registos de cerveja feita através de vinho. Na Europa também não há”, garante o mentor do projecto.

Dado o pioneirismo da aposta, naturalmente guardam-se os “segredos” do processo para que a fórmula não perca a sua exclusividade,



mas o produto final pode ser agora apreciado. A cerveja “Mesmo Boa” apresentou-se pela primeira vez na Festa do Alvarinho e do Fumeiro de Melgaço de 2016, mas Carlos Araújo espera que “a moda pegue” e os bares e espaços de restauração de Melgaço estejam abertos a este produto diferenciador.

João Martinho

Memórias de África



Companhia de Omar do BCAC de Mocimboa de Rovuma

A terceira e última vez que estive no Quartel de Omar, foi pouco tempo antes da emboscada junto à Escola de Mocimboa do Rovuma, na qual faleceram cinco soldados da Companhia do Destacamento daquele Batalhão, onde estavam há mais de vinte e dois meses.

Depois da morte destes soldados ainda estiva naquele lugar mais de 15 dias, só saindo daquele buraco, quando apareceram três helicópteros, como está escrito em “A Voz de Melgaço”, Janeiro de 2016.

Os postos de sentinela de Omar ficavam em cima de cinco árvores à volta do quartel, a cerca de 6 a 8 metros de altura.

Os soldados que estavam de serviço durante a noite, de dez em dez minutos diziam a seguinte mensagem:

1.º Soldado: Sentinela alerta – 2.º soldado: Alerta está – 1.º soldado: Passa mensagem

2.º Soldado: Sentinela alerta – 3.º soldado: Alerta está – 2.º soldado: Passa mensagem

3.º Soldado: Sentinela alerta – 4.º soldado: Alerta está – 3.º soldado: Passa mensagem

4.º Soldado: Sentinela alerta – 5.º soldado: Alerta está – 4.º soldado: Passa mensagem

5.º Soldado: Sentinela alerta – 1.º soldado: Alerta está – 5.º soldado: Passa mensagem

1.º Soldado: Sentinela alerta – 2.º soldado: Alerta está – 1.º soldado: Passa palavra...

Era assim durante toda a noite. No princípio ouvia-se bastante barulho, mas com o tempo quase não se notava.

O 1.º cozinheiro deste quartel era natural de Santa Isabel do Monte, filho de um casal amigo, primo do Padre Aquilino Pereira.

Passados poucos meses, quando o Capelão estava de férias na Metrópole leu no Comércio do Porto, a notícia da tomada de Omar pela Frelimo, estando já todos os soldados presos na Tanzânia, procurou não falar do assunto, despedindo-se um do outro sem falar no assunto, porque podia ser muito mau falar disso.

Quando o Capelão regressou de férias os soldados de Omar já estavam no Forte da Ilha de Moçambique, onde foi visitá-los, dando-lhes força e coragem para esquecerem tudo o que tinham passado naqueles dias e horas difíceis e terríveis, esperando-os na Metrópole uma vida de homens livres, conscientes e corajosos.

Pa ter uma conversa com todos, o Capelão resolveu passar uma noite com eles no Forte da Ilha de Moçambique, onde jantou, conversou e dormiu, despedindo-se de todos, de manhã, com um forte abraço.

Dirigiu-se para a Igreja da Ilha de Moçambique, onde celebrou a missa das 10 horas.

No fim da missa foi almoçar com os amigos que lhe tinham dado a boleia no dia anterior, de Nampula até à Ilha de Moçambique, na condição de regressarem à mesma cidade de Nampula, no dia seguinte depois do almoço.

No dia seguinte, de manhã, foi com um amigo dos Missionários de Mutuali, através de uma picada de cerca de 400 quilómetros aproximadamente, onde chegaram à hora do almoço. No fim deste, depois de se despedir dos Padres Missionários daquela Missão (Padre Superior da Missão e Padre Lima, filho o Sr. Lima de Chaviães, Melgaço, que faleceu em Angola) passado algum tempo seguiu para Nova Freixo onde se apresentou ao BCAC/17, de Nova Freixo, da parte da tarde desse dia, tendo-se apresentado no quartel às 9 horas da manhã do dia seguinte.

Da parte da tarde, depois de se apresentar no BCAC, deu uma volta pela cidade, tendo encontrado o chefe da polícia que era de Paderne, Melgaço, e a esposa que era do Lugar da Igreja da freguesia de Couso, Melgaço, que ainda o conhecia, bem como as irmãs, que tinham estado com ele quando foi pároco da Gave, Melgaço.

Às 17 horas0 foi rezar as Vésperas e celebrar a missa na Igreja Paroquial de Nova Freixo no fim da qual passou pela Escola de Condução daquela cidade, falando com o dono da mesma escola, para tirar a carta de condução de carros ligeiro e mota, o que veio a acontecer poucos dias antes de regressar à Metrópole

P.º António Sousa e Silva

Vila de Melgaço vista de Campinhas

Vária vezes referimos este assunto: Melgaço dizimado pela Parca!

Isso por que o nosso jornal notícia há anos, mensalmente, dezenas de falecimentos, o que nos leva a pensar que já devia ter deixado de existir por falta de habitantes. No último número, inclusive, dava conta de três contemporâneos nossos que acabaram de partir, o que nos causou grande calafrio. Ora, o que acontece é que ninguém se dá ao cuidado de noticiar quem nasce; sim, por que continua-se nascendo, embora em menor número que noutros tempos, é bem verdade. Por que ninguém se lembra de instalar uma agência de nascimentos? Seria uma excelente ideia o Registo Civil pagar uma taxa ao jornal para que publicasse os nascimentos, ou até, os párocos das freguesias darem conhecimento dos batizados. Em compensação a tudo isto o jornal também nos deu uma grande alegria ao publicar a reportagem do desafio de futebol feminino acontecido em 19 de março último. Sim, senhores! Que maravilhosa notícia! Primeiro, por que dá conta de que há gente nova na terra; segundo, por que futebol feminino é uma prática desportiva ainda restrita a grandes centros urbanos; e por último, por verificar que em Melgaço tem mulheres bonitas. A fotografia das quinze jogadoras que o jornal mostrou é uma demonstração de Beleza, Jovialidade e Alegria nos sorrisos encantadores daquelas garotas. Não importa os resultados das competições que disputarem, valerá a exibição de beleza que o Criador pôs nessas meninas. Bem hajam! Parabéns!

Em tempo: João Martinho, por favor, na próxima reportagem dê os nomes de tão bonitas atletas.

* * *

No afamado restaurante Vila de Melgaço, em Niterói, aconteceu um invulgar convívio melgacense. Apareceram para almoçar membros da família Golim. O Manuel e a esposa Idalina, vindos de Póvoa de Varzim onde moram desde que abandonaram o Brasil, estavam de visita aos familiares; o Henrique Golim e a sua formosa Teresa completavam o grupo. A Ana e o Mário Ranhada que haviam ausentado para resolver problema de só menos importância, ficaram surpresos transbordando de satisfação quando depararam com tão seleto grupo melgacense prestigiando o seu estabelecimento. Os visitantes já estavam banqueteadando-se com as iguarias da casa. Não pouparam elogios à deliciosa comida. Seguiu-se um animado papo para por a escrita em dia uma vez que fazia anos que não se encontravam.



O Manuel Golim já tinha estado lá rapidamente meses atrás. Então a conversa fluiu animada. O Manuel contou que da Póvoa fora ficar no apartamento do filho José António, em Cascais, quando se desecadeou um incêndio que desbastou todo o edifício. Não houve acidentados apenas perdas materiais. Então na conversa no Vila de Melgaço, falaram de tudo e de todos, inclusive a Teresa evocou o nosso nome ao reparar no Brasão de Melgaço pintado por nós. A Teresa, referiu a Ana, está mais bonita que nunca, remolada e conversadeira. Ficou, a Teresa, de levar a sua mãe um dia ao restaurante para saborear o bacalhau que ela tanto gosta. Valeu tão fraternal convívio. Abraços, gente boa!

* * *

O nosso jornal de 1 de abril chegou-nos no dia 7. Levou apenas seis dias para transpor o oceano e cruzar várias ruas de Campinhas até a simpática carteira joga-lo na varanda da nossa casa por não caber na caixa da correspondência. Foi um recorde! Já o Ventura escreveu em 21 de março e só chegou naquele dia 7 de Abril. Reclamou o Ventura, que a nossa carta que lhe enviamos em 2 de Dezembro só recebeu em 4 de Fevereiro. No placar afixamos: dois à zero para os correios brasileiros. Ainda o Ventura enviou-nos uma fotografia onde ela aparece impávido, mais gordo

esbanjando imponência e saúde, acompanhado do Zequinha Afonso, de São Gregório, nosso grande amigo e contemporâneo, mais a esposa. Como está jovial, simpático e desempenado o Zéca Afonso, fiquei com inveja. A foto tirada na apresentação do projeto Um dia pela Vida, no Centro de Estágios da Escola Superior de Desporto. Gostei de ver! Abraços!

* * *

Já que estou falando de correspondência, deixem-me comentar a carta-reportagem que o primo Ilídio, de Queluz me enviou, em cinco páginas. Aborda assuntos desde Março de 2004, até Março de 2016. Comunicou a criação do blog, Melgaço do Monte à Ribeira, substituindo o Foz do Rio Tranco 42°9'15' pediu-me uma foto do Papá Pires que, tendo sido, entre muitas habilidades era fotógrafo e nunca se fotografou. Por isso, não tenho. Pede ao Néca ou à Naná.

* * *

Como foi dito, a Ana Ranhada, esse extraordinário garoto, poemas ao par do que acontece no Rio de Janeiro, Niterói e arredores em quilométricos telefonemas. Disse que os Meleiros, Amandio e José a quem encontra a miúdo lá por Niterói, estão ótimos de saúde e levando a boa vida que pediram a Deus.

Campinas, 12-4-2016
Manuel Igrejas

65.º Artigo Sugestões de uso do mel – na cozinha

Tente estes remédios naturais, receitas e dicas – e mostre o seu apreço pelo árduo trabalho das abelhas. Prefira o mel português e biológico, sempre que possível!

Comprar mel

1. O mel doce é relativamente rico em frutose e combina bem com queijo.
2. O mel suave é mais adequado a pratos de sabores delicados.
3. O mel de sabor forte é bom para pão, scones ou panquecas, gelado de baunilha e com molhos e carnes.
4. O mel de acácia é bom para adoçar bebidas, sem dar um sabor acentuado.
5. Mel com sabor a flores ou frutos secos é bom para adoçar sobremesas.

Cozinha

6. Mantenha o mel fluido num frasco com dispensador.
7. Se for adoçar uma bebida quente, espere até esta atingir uma temperatura que consiga beber e só depois deite 1-3 colheres de chá de mel.
8. Liquidifique o mel e assim será mais fácil de barrar e usar. Coloque o recipiente de vidro ou cerâmica em água quente (sem ferver) por 15 minutos e mexa de vez em quando.
9. Mantenha o mel em lugar escuro ou num recipiente opaco. Isso preserva o seu poder antimicrobiano.
10. Congele o mel e previna a cristalização natural e alterações da sua composição. Aprenda como congelar mel.
11. Forre a chávena ou colher que usar como medida do mel, com óleo vegetal, assim o mel escorregará e sairá facilmente, sem se agarrar às superfícies.
12. Pesar o mel: uma colher de sopa pesa cerca de 23g e uma chávena (240 ml) cerca de 350g.
13. Menos é mais: use 165g de mel em vez de 220g de açúcar. Corresponde a ¾ de chávena de mel em vez de uma chávena de açúcar.
14. Baixe o forno em 20/25.ºC quando estiver a fazer um bolo com mel pois morenam mais facilmente.

Cozinhar com mel

15. Quando se cozinha o mel, alguns dos seus sabores perder-se-ão, pelo que use um mais barato.
16. Vegetais cozinhados a vapor (raízes principalmente) são deliciosos com mel. Misture cenouras cozidas a vapor com uma colher de sopa de manteiga e uma de mel e depois salpique-as com salsa fresca picada.
17. Vegetais assados no forno, como a pastinaca, são sempre saborosos mas barre-os com 2 colheres de sopa de mel, 10 minutos antes de os tirar do forno, e ficam ainda mais saborosos.
18. O mel e o molho de mostarda é uma adição versátil à salada. Misture 180 ml de azeite, 1 a 2 colheres de sopa de sumo de limão, 1 colher de sopa de mostarda, 1 colher de sopa de mel fluido e uma pitada de pimenta preta. Guarde num contentor estanque no máximo uma semana.
19. Frango com mel
Ingredientes: 60g de manteiga; 2 colheres de sopa de mel; 4 dentes de alho fatiados; 4 peitos de frango ainda com pele; pimenta preta; 1 colher de sopa de salsa fresca picada.

Procedimento:

- Pré-aqueça o forno a 180.ºC.
 - Misture a manteiga e o mel num recipiente até que a manteiga derreta.
 - Faça pequenos cortes na pele do frango e insira um pedacinho de alho em cada corte.
 - Ponha o frango num tabuleiro de ir ao forno e pincele com a mistura anterior.
 - Polvilhe com pimenta. Asse o frango no forno por 40 minutos.
 - Sirva polvilhado de salsa fresca.
 - 20. Maçãs fritas em mel e manteiga
Ingredientes: 50g manteiga; 25g açúcar amarelo e sumo e casca de uma laranja grande e metade de um limão; 3 colheres de sopa de mel; 4 maçãs.
- Procedimento:
- Derreta a manteiga numa frigideira.
 - Adicione o açúcar, sumo de laranja, vidrado da laranja, sumo de limão e mel.
 - Aqueça lentamente, mexa de vez em quando.
 - Descasque, corte em quartos e tire o centro das maçãs, depois corte em oitavos.
 - Adicione as maçãs à frigideira e cozinhe lentamente por 10 a 15 minutos, virando-as de vez em quando.
 - Sirva quente com gelado de baunilha, gelado de natas ou chantili.

Ana Cristina Costa

Apontamentos da América Central: **Nicarágua**

Américas...um continente que se estende da Antártida ao Ártico, como nenhum outro. América do Norte surge à cabeça, depois o Brasil e América do Sul. E o que sobra arruma-se num intervalo chamado América Central...

Começa a desenhar-se um interesse crescente por esta zona intermédia, depois de mais acalmados longos anos de desassossegos políticos.

Sem qualquer ordem especial seguem algumas impressões de viagem pela Nicarágua, o mais extenso país desta zona mais estreita do continente americano.



O meio de transporte na Ilha de Ometepe

A IMPONENTE CATEDRAL DE LÉON: OS SEUS TERRAÇOS SÃO SÓ PARA PÉS DESCALÇOS!

Branco de neve, os terraços lindíssimos e surpreendentes da Catedral Metropolitana de Nossa Senhora da Assunção, em Leon, na Nicarágua, merecem ser palmeados...Literalmente...Mas temos de tirar os sapatos e seguir descalços!

E porquê começar por focar a atenção no telhado da maior catedral de toda a América Central que foi classificada como Património da Humanidade pela UNESCO em 2011, antes de todo o restauro estar concluído e que ainda prossegue? Essa merecida classificação, a focar maior atenção para este património, permitiu mais garantias de apoio financeiro a obras de enorme envergadura.

Embora grande parte do exterior da monumental catedral continue em obras, o restauro da enorme cobertura em forma de original terraço já terminou, e recomendaram-nos vivamente que o visitássemos: aliás tem de se pagar bilhete para subir as escadas em caracol e, lá no alto, descalçar os sapatos e deixá-los à entrada dos terraços.

Passamos a porta de acesso e um Ah! de exclamação sai antes de qualquer palavra. Uma brancura surpreendente, imaculada, sem uma pegada na alvura do chão, a cobrir tantas formas arquitectónicas inesperadas, acabadas com certeza de pintar, desde o piso do chão às sucessivas, surpreendentes e variadas cúpulas, que nos deixam sem saber em que tipo de arquitectura nos encontramos... Não conseguimos transmitir, nas fotos, a originalidade e uma cer-

ta magia do conjunto de todas as formas brancas que transformam um espaço que, tendo a função primária de cobertura, nos cria a um cenário quase mágico, em que a imaginação prescreta significados... Com a coincidência de usufruirmos da hora mágica da luz do fim do dia, a visão de todo o espaço circundante, desde a cidade lá em baixo, até às torres sineiras cá em cima, fazemos disparar as máquinas a tentar captar referências que a memória não quer perder. Apesar de todo os sinos, das paisagens urbanas e montanhosas a perder de vista, a nossa atenção regressa ao terraço branco, aos seus ângulos e curvas em sinfonia de branco total onde a observação se perde e se espanta.

Ao descer a escada, no regresso, parece que vamos mais leves e ainda suspensos de visões imaginárias.

Na enorme cripta subterrânea sob a Catedral, construída à prova de terremotos, existe uma espécie de Panteão Nacional para as figuras mais ilustres das quais destacaremos a do grande escritor nicaraguense, poeta e diplomata, Rubén Darío: falecido em León em 1916, foi um dos maiores expoentes e precursor da poesia modernista da América Latina em língua castelhana e com grande projecção internacional. Ao longo dos 150 anos passados desde o seu nascimento, o legado literário que nos deixou ganhou a dimensão do mundo e ainda inspira poetas contemporâneos.

Esta catedral tem a marca histórica de ter sido a primeira diocese episcopal da Igreja Católica na Nicarágua, fundada em 1531, e por isso uma das mais antigas dioceses na América.

A sua arquitectura mistura o Barroco e o Neoclássico com

influências dos estilos Gótico, Renascentista e Mudejar. Uma curiosa síntese.

UM ENORME LAGO QUE GUARDA DOIS VULCÕES GEMINADOS

Neste país essencialmente vulcânico, e o maior da América Central- a sua área é vez e meia a de Portugal- existe um enorme lago de origem tectónica, o lago Nicarágua, com 8600 km², no meio do qual emergem dois picos geminados de origem vulcânica que, encostados, formam a ilha de Ometepe, uma atracção singular que se atinge ao fim da travessia de uma hora de barco da carreira regular.

O mais curioso foi termos chegado à Ilha exactamente no dia da festa anual local sob a invocação de S. Ana e S. Joaquim, os padroeiros da Paróquia. Assistimos por isso aos desfiles da procissão em que muitos dos fiéis se transportavam a cavalo! Belas amazonas e cavaleiros...O cavalo é o único meio de transporte na Ilha e no dia seguinte lá entramos nós nos usos e costumes dos transportes locais...Foi a cavalo o nosso percurso de acesso às cascatas que caem a pique pela vertente de um antigo pico vulcânico. Havia que experimentar este único meio de transporte, por caminhos mais de cabras que de cavalos. Ao fim de duas horas de percurso sobre a sela a sentir as irregularidades de um caminho que só os cavalos conhecem até chegar às cascatas, que bem nos soube o banho em duche natural que nos refrescou duplamente nestas paragens tropicais!

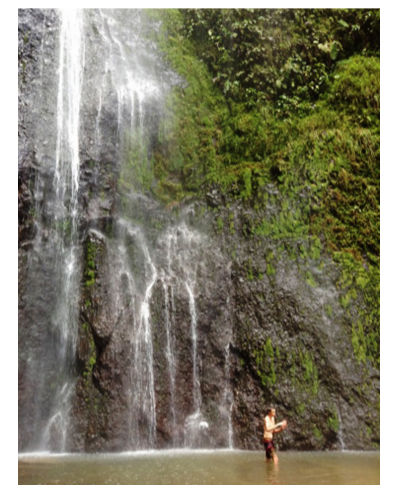
As paisagens lindíssimas... ou não seja a água e o verde



Catedral da Assunção, em Leon, na Nicarágua: os extraordinários terraços e cúpulas onde temos de andar sem sapatos para manter o branco recém restaurado. "La Catedral de León, Nicaragua, forma parte de la Lista de Patrimonios Mundiales de la UNESCO " desde 2011



Sumo de pitáia



As cascatas que caem do vulcão na Ilha de Ometepe

uma infalível combinação para inesquecíveis memórias.

Mas no dia seguinte também sentimos as memórias do longo trajecto a cavalo: mantinham o seu registo firme lá bem no fundo das costas!

ARROZ DE FRIJOLAS OU GALLO PINTO E PITAIAS

Um prato nacional e diário é o arroz com feijões vermelhos, previamente cozidos e depois misturados num refogado de cebolas picadas em azeite. Dá pelo nome de Gallo Pinto.

Das frutas, embora a árvore nacional da Nicarágua seja o medronheiro, os frutos que mais me seduziram foram as pitaias, produzidas por um cacto que primeiro produz flores, e depois frutos de cor púrpura ou rosada, que podem pesar até 300 gramas. A polpa da pitáia é meio violeta ou então de um vermelho carmim intenso, com numerosas sementes negras; com ela se obtém um refresco doce, e lindíssimo, geralmente temperado com um pouco de limão. Também

se pode comer à mão, cortada em pequenos bocados. Deliciosas à vista e ao paladar. Às vezes encontram-se por cá.

O TURISMO RENASCE COMO ACTIVIDADE PRIMORDIAL

Um país pouco conhecido, que afastou o turismo durante décadas de ditaduras e revoluções internas. Actualmente o turismo vem crescendo na Nicarágua, sendo hoje uma das principais fontes de receita do país, especialmente americanos, europeus e sul-americanos.

Muito ficou por descrever e transmitir, mas vale a pena uma volta pela América Central. Para além da Nicarágua, vários outros países retêm tradições e culturas que nos fazem sentir como devemos respeitar a Natureza.

E termino com uma frase de Rubén Darío:

"Pues si te empeñas en soñar te empeñas en aventar la llama de tu vida."

M. José Lobo
Abril 2016

Melgaço comemorou as conquistas de 'Abril' com propostas que reforçam a importância do poder local

Melgaço assinalou as comemorações do 25 de Abril logo pela manhã, com a Guarda de Honra dos Bombeiros Voluntários de Melgaço para o hastear da bandeira nacional, pelas 10 horas, a que se seguiu a sessão solene, já dentro de portas, com discursos do presidente da Assembleia Municipal de Melgaço, Artur Rodrigues, e do presidente da Câmara Municipal, Manoel Batista.

No dia em que se assinalavam os 42 anos desde o 25 de Abril de 1974, Melgaço promoveu uma sessão onde se recordou as conquistas do país democrático e do papel do poder local no desenvolvimento das comunidades.

Nesta celebração da proximidade do poder, a autarquia apresentou alguns projectos de intervenção e requalificação urbanística, a ter lugar no centro histórico do concelho.

Nos momento de discursos alusivos à efeméride, Artur Rodrigues recordou a vida portuguesa na pré-revolução, um país "de miséria, orgulhosamente só, onde a cultura e a saúde era só para alguns, de portugueses de primeira e de segunda", acabando por cair "ao fim de meia dúzia de rajadas de metralhadora, disparadas para as paredes do Quartel do Carmo, onde se refugiara Marcello Caetano". O regime "podre", acabaria ali, surpreendendo a "população madrugadora, de jornada de sol a sol", recordou.

Enumerando algumas das conquistas do período democrático que sucedeu, o presidente da Assembleia Municipal indicou o nascimento do Serviço Nacional de Saúde, a construção de hospitais por todo o país, es-



colas secundárias, politécnicos e universidades, ou a modernização da agricultura. "O presente, sabemos que está longe de ser perfeito, mas sabemos que estamos no bom caminho", observou Artur Rodrigues, considerando no entanto que, na "Europa sem fronteiras, falta ainda o reconhecimento da igualdade dos países que a compõem".

"O poder local é indissociável do exercício democrático e uma das maiores conquistas de Abril", considerava por sua vez o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista.

"Celebrar a revolução dos cravos é celebrar o poder local", acrescentou ainda o edil, sublinhando a importância das "políticas e intervenções no território que façam dele uma escolha para viver com qualidade".

Neste contexto, a assumindo ter encetado a nível local uma "gestão pautada pelo rigor" na continuidade "do projecto instalado no território", o autarca fala de algumas opções, difíceis "mas necessárias".

"A reorganização dos Serviços Municipais, difícil mas necessária e ainda que nem sempre bem entendida, mas fulcral para

sermos capazes de actualizar o paradigma de atendimento", explicou.

A criação do serviço de aprovisionamento, a jornada contínua para os funcionários afectos aos serviços operacionais no exterior, o Balcão Único, o apoio na renda ou crédito à habitação, foram alguns dos serviços potenciados pela autarquia e reflexo das medidas tomadas próximas do cidadão.

Relativamente à economia e à potencialização do edificado, o autarca prevê que aconteça ainda este ano o "relançamento sério, sustentado", das nossas Termas

de Melgaço, entre outras iniciativas ligadas à actividade artística e à economia do vinho que o executivo de Manoel Batista tem vindo a promover.

No momento que antecedia a apresentação dos projectos de recuperação e ampliação da antiga Escola Primária da Vila, o autarca considerou fundamental "encontrar soluções inteligentes, sem "olhares de 'velhos do Restelo', que muitas vezes vão surgindo aqui e acolá em relação a este ou aquele projecto, quando tentamos inovar, trazer alguma criatividade ao que já fazemos", indicou.

João Martinho

VENDE-SE

Apartamento T4, com quintal, em Viana do Castelo, sonda da Senhora da Agonia. Bom investimento para alugar a estudantes, com ou sem mobília.

89.500 euros

Tlm 939 449 182

SERRALHARIA MANUEL RODRIGUES



TODO O TIPO DE TRABALHOS EM FERRO

BOAVISTA | ROUÇAS | 4960 MELGAÇO Telef. 251 403 562

MANUEL LUÍS D. RODRIGUES TÉCNICO 28335



INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS

**AUTOMATISMOS PARA PORTÕES
PORTAS SECCIONADAS
VIDEOS PORTEIROS
AQUECIMENTO ELECTRICO**

Rabosa • 4960-310 PENSO MLG • MELGAÇO TELEM. 969 065 676

Raça autóctone ou raças rentáveis? O pastor que não quer criar Cachena



Foi quase meia vida dedicada ao pastoreio de ovelhas e cabras. O lobo fê-lo mudar de ideias. Depois dos últimos ataques do lobo ao rebanho, José Alberto Esteves, natural de Cubalhão (Melgaço), vendeu as mais de duzentas cabeças de gado caprino e ovino que tinha e começou a criar bovinos.

Para trás ficaram os anos em que o quase meio milhar de cabras e ovelhas subiam o monte e pastavam no extenso e farto monte de Cubalhão, tapada de Soengas ou Lamas de Mouro.

Hoje o mesmo monte serve de pasto às quarenta e cinco cabeças de gado bovino de raça Charolesa, Limousine, Minhota e Barrosã. "Apostei nestas raças e prefiro estas do que a Cachena. Um vitelo de Cachena, com quatro meses, o máximo que pode pesar serão cinquenta ou sessenta quilos e estes, em quatro meses, um vitelo bom vai sempre a cento e vinte ou cento e trinta quilos e o valor da venda é duas ou três vezes mais", revela o criador, relegando para segundo plano a raça que, sendo autóctone e consequentemente mais beneficiada em termos de apoios à manutenção, não lhe dá o mesmo rendimento no momento da venda.

Gonçalo Esteves, o filho, brinca com a tranquilidade de um boi charolês, subindo-lhe para o dorso sem que o animal se espante ou esboce qualquer gesto de ameaça. "É uma raça mais tranquila e mais produtiva. E sempre ficam mais um bocadinho no monte, param sozinhas", diz José Esteves.

A tapada de Soengas, uma extensa área de 99 hectares, tapada por um muro antigo, que a história atribui à freguesia de Cubalhão, garante o pasto, controlo da manada e até alguma protecção aos animais. Em contrapartida, o José Esteves limpa o monte, "para ter melhor pasto" e mantém a tapada.

Mas nem só da erva que brota do baldio se mantém a considerável exploração pecuária. Para prevenir os invernos mais rigorosos, José Esteves semeia mais de um hectare de milho, que dá aos animais ainda em espiga, partida ao meio. A isto junta-se a ração, porque "há dias em que não saem do barracão, nem querem sair".

"Sou capaz de ter mais despesa com estas do que alguns criadores têm com as cachenas. São mais bravias, andam no monte, mas algumas passam muita fome. A comerem como deve ser, comem praticamente o mesmo", atira.

Por outro lado, o preço da ração e o fim de algumas "quotas" que apoiavam a produção, tornaram o investimento mais avultado. "As rações são muito caras e agora acabaram com a quota das aleitantes, cortaram muito as ajudas", lamenta.

Num momento em que Portugal procura caminhar para a auto-suficiência na produção de carne, Gonçalo Esteves, prestes a fazer 15 anos de idade, olha com menos encanto para o sector, embora admita gostar de tratar dos animais, quando disponível. "Acho

que já foi mais rentável. Com a importação que há das carnes de fora, as nossas dão muito pouco", nota o jovem.

"Gosto de tratar bem delas, não é deixá-las aí e ficar à espera das 'ajudas'"

Uma realidade que o pai corrobora com a verdade de quem lida com o meio diariamente: "Não há a procura de animais havia antes".

"Depende de como correr", conclui ainda assim o jovem, dando o benefício da dúvida, caso a valorização aconteça. "Isto cada vez está a dar menos, as crias a vender-se menos. Para já, se continua como está agora, não vale a pena".

Já José Alberto Esteves não se vê a fazer outra coisa. "Agora não tenho outro futuro, é isto, sempre trabalhei nisto. Andava na Escola Primária e a professora dava-me as tardes livres para ir para o monte, tomar conta do rebanho. Gosto dos animais. Se me fica um animal no monte, mesmo no Inverno, já não fico descansado, tenho de o encontrar", revela. Um apego que já não depende só do dinheiro. "Quando estou a tratar das vacas não estou a pensar no dinheiro que me vão render. Gosto de tratar bem delas, depois é que vamos ver o rendimento, não é deixá-las aí, abandoná-las e ficar à espera das 'ajudas'", atira.

João Martinho

GAZETILHA Tricas & Dicas

Em Belém se faz luz...

Semeou a partilha e deu a mão!...
Respirou concordância e deu filão!...
Abriu o palácio e veio o Verão!...
Recebeu o Povo e afagou o coração!...
Pediú transparência e baniú calão!...
Confidenciou companhia e "Asa" virou cão!...
Arregalou expectativas e amassou pão!...
Clamou patriotismo e apareceu multidão!...
Buscou transparência e colheu abraço!...
Aplaudiu a simbiose e deu afeição!...
- E agora?!...
Ala que tempo é dinheiro!...
De França?!... A prática... faz o mestre!...
De Angola?!... Quem pode não quer... quem quer não pode!...
Do Brasil?!... Quem perde a vergonha... nada mais tem a perder!...
Da União Europeia?!... Dizer é fácil... o difícil é fazer!...
Das Forças Armadas?!... A pergunta insolente... resposta valente!...
Da Presidência da República?!... A precaução... vale mais que a cura!...
Da Assembleia da República?!... A pedra e a palavra... depois de lançada não volta atrás!...
Do Tribunal Constitucional?!... Ao servo mau convém punição... ao bom galardão!...
Do Governo?!... A qualidade... pesa mais que a quantidade!...
Do Alentejo?!... A palavra não é uma seta... mas fere!...
- E já agora aqui fica:
A primeira vez que me enganas, a culpa é tua... a segunda vez a culpa é minha!...

Álvaro Carvalho

Jorge Ribeiro reeleito para o segundo mandato como presidente da concelhia do PSD Melgaço

Pedro Sousa Silva assume a presidência da Mesa da Assembleia



Em lista única e com 97 por cento dos votos, Jorge Ribeiro renova a confiança dos militantes na sua estratégia, agora focada na definição de objectivos para "vencer as autárquicas de 2017".

Do exercício do primeiro mandato, o presidente da concelhia agora reeleito destacou "o aumento do número de militantes jovens na família social-democrata de Melgaço", o que permitiu que a nova comissão política integre novos e jovens elementos.

"As políticas para Melgaço devem assentar na atração e fixação de jovens, daí a importância de lhes dar voz e de os envolver nos processos de tomada de decisão", sublinhou o reeleito presidente da concelhia social-democrata melgacense e actual provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço.

Com renovada (e jovem) equipa, Jorge Ribeiro indica que "as próximas eleições autárquicas representarão um momento crucial para Melgaço e para os melgacenses", preparando por isso um programa que promete firmar-se como "uma alternativa credível" e que se propõe "inverter o percurso de despovoamento e empobrecimento que vem caracterizando o concelho".

João Martinho

História do Angelino

>> CAPÍTULO VI

Angelino, único filho do capitão aventureiro António da Costa Leite e de sua Maria da Soledade, a Mariazinha, foi um cidadão pacato que levou uma vida rotineira, casou com Adosinda e tiveram Abílio, Vitorino e Olímpio. Este Olímpio passou quinze anos na prisão por crime motivado por ciúmes. O Abílio teve uma vida sacrificada. No final do ano de 1924, aconteceu o primeiro encontro entre Abílio e Palmira. No inverno, em Portugal, era costume matar o porco, criado durante o ano. A carne do porco tinha de ser salgada para se conservar de modo a ser consumida pelo ano adiante. De Espargo iam a Ovar no bairro Ribeira onde havia um armazém que tinha sal estocado das salinas de Aveiro. O Abílio, com o carro de bois foi buscar sal, aconteceu que no mesmo dia também a Palmira com o seu irmão João foram comprar sal com a mesma finalidade. Em determinado trecho do caminho, tinham de atravessar a linha do comboio. Um dos bois do carro da Palmira recusou-se a transpor os trilhos de ferro. O Abílio apreciando a cena ofereceu-se para ajudar. Com habilidade e firmeza fez com que o carro transpusesse a linha, e no resto do caminho foram juntos até Arada. Da

conversa surgiu uma atracção que com o tempo se transformou em paixão. Ainda não existia a estrada e o caminho perseguido era longo, daí que houve tempo para muita conversa, a ponto de nascer namoro. O namoro continuou através de recados, pelo Sr. Manuel da Carreira quando ia à fábrica de serração de madeira, que era perto da casa da Mirinha, diminutivo de Palmira como lhe chamava o povo. Outras vezes conseguia encontrar-se com ela, só que a senhora Maria Serradela, mãe da Mirinha, não queria o namoro. Porém, o avô da Palmira, Sr. Lourenço, alto funcionário municipal de Ovar, amigo do Angelino, pai do Abílio, deu força naquele namoro. O empecilho que motivava a contrariedade da mãe da Palmira, era que esta só tinha catorze anos e o Abílio estava com vinte e sete. Houve uma festa no Outeiral de Arada, e como era costume nestas oportunidades os rapazes de uma freguesia desentendiam-se com os de outra freguesia, geralmente por questões de namoradas. Naquela festa surgiu um tremendo barulho (briga), entre os rapazes de Espargo e os de Arada. O Sr. Lourenço, avô da Palmira, fez o Abílio sair a meio da contenda e levou-o para casa. Chamou a neta

e a mãe, dizendo-lhes que conhecia a família do rapaz e que era boa gente. A dona Maria Serrada acabou simpatizando com o rapaz e já concordava com o namoro, mas achava muito cedo para falar em casamento. Escreveu para o marido que estava emigrado no Brasil, que logo que recebeu a carta regressou imediatamente. Ponderou educadamente à filha a inconveniência de casar tão novinha. O Abílio tinha um tio padre que por sinal também se chamava Abílio. Este padre costumava celebrar missa em Arada e numa dessas oportunidades chamou o S. João e a dona Maria e perguntou-lhes o que tinham contra o seu sobrinho. O Sr. João respondeu que apenas achava que sua filha era muito nova para se casar. Vendo-se escorada pelo padre, a Palmira, pela primeira vez, impôs sua vontade: se não lhe dessem consentimento, fugia para a casa do rapaz. Resolveu o sr. João que a filha convidasse o rapaz a ir em sua casa para conversarem e se conhecerem. No domingo seguinte, o Abílio com o pai Angelino e mãe Adosinda, mais o padre Abílio seu padrinho, compareceram na casa do Sr. João e dona Maria.

CONTINUA

Manuel Felix Igrejas

Abril e quando a gente quiser!...



Abril é sempre Abril!...
Abril é Primavera!...
Abril é de todos e para todos!...
A revolução dos cravos, com cravo na mão ou na lapela, não é absentismo.
O 25 de Abril não é de direita, nem de esquerda, nem de centro!...
O 25 de Abril extravasa as fronteiras continentais e insulares!...
O 25 de Abril é cidadania em acção!...
A Festa de Abril é um estado de alma que revoluciona os sentimentos, afina as vozes e distribui abraços.
Abril é democracia!...
Abril é Liberdade!...
Abril é Igualdade!...
A comemoração de Abril não pode continuar "aprisionada" por

gente que pensa que o Povo é verbo de encher.
O 25 de Abril político devia abrir a porta ao pão, à paz e à habitação!...
O 25 de Abril económico devia abrir as janelas à saúde, à cultura e à educação!...
O 25 de Abril social devia abrir caminho para a implementação de ordenados que dignificassem o trabalho e banissem a precariedade!...
O desfile de Abril é uma herança de sonhos que não paga direitos de autor.
Abril é um alerta de consciências!...
Abril é uma seara trabalhada!...
Abril é um espaço conquistado!...
O espírito de Abril não pode ser amordaçado por querelas po-

líticas e ideológicas.
O 25 de Abril continua a ser canção!...
O 25 de Abril ainda tem uma longa caminhada!...
O 25 de Abril é uma senha com direito a prémio!...
A acção de Abril é uma lição a seguir pela Europa que nos olha de soslaio.
Abril não tem conta nem medida!...
Abril é oração de humanidade!...
Abril é tema de vida!...
Abril de águas mil pode-se renovar com acções em vez de palavras gastas ao fim de 42 anos!...
Em vez de cravos e rosas partilhe-se a boa educação e o respeito por quem de direito. Quando a banda passa merece aplausos de pé!...

Helena Matos

PASSATEMPOS

PALAVRAS CRUZADAS

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
1											
2											
3											
4											
5											
6											
7											
8											
9											
10											
11											

Horizontais: 1. Redução popular senhor, medida agrária, cabelos brancos; 2. Mas, família, aiai; 3. Sim, governanta, família; 4. Sulcar, pouco espesso; 5. Avançar, nota musical; 6. Preferir, nascente água; 7. Edição, estrela, gracejar; 8. Progredir, buraco, basta; 9. Doçura, habitação, surgir; 10. Manico, Montão; 11. Bravio, grupo de pessoas que cantam em grupo.

Verticais: 1. Adição, arriba; 2. Implorar, mulher trigueira; 3. descrédito, atmosfera; 4. Troçar, designa alternativa; 5. Acolá, grande resplendor; 6. Ramagem, lugar; 7. Tempo, lareira; 8. Viscera dupla, pedra de amolar; 9. Aparência, caminhar, Contemplar; 10. Paixão, refulgente; 11. Nome de mulher, mentira.

SOPA DE LETRAS

Neste emaranhado de letras encontra em qualquer direcção a expressão "UMA VIDA DE SERVIÇO, UM POEMA DE AMOR".

Q	W	E	R	T	Y	U	U	M	A
A	S	D	F	G	H	J	K	L	D
Z	D	E	S	E	C	G	U	J	I
X	Z	S	A	M	O	R	D	F	V
P	X	Q	D	F	G	H	I	O	P
O	V	O	C	I	V	R	E	S	D
E	B	A	S	D	G	H	U	I	O
M	N	F	R	T	U	M	X	D	Y
A	M	Q	W	E	R	T	U	D	E
S	L	Z	X	C	V	B	N	M	O

CHARADAS

Combinadas

- ___ + LA = Engaste de anel
- ___ + LE = Energia
- ___ + BA = Dorna
- ___ + CO = Pedação
- ___ + NO = Prejuízo

Conceito: **Árvore do vale das amazonas**

Quadrado

- = Busca
- = Ave de rapina diurna
- = Covil
- = Sulcar

PROBLEMA

Substituir os traços por letras de forma a escrever nomes de livros Proféticos

___ N ___	___ F ___
___ O ___	___ A ___
___ S ___	___ T ___
___ A ___	___ I ___
___ S ___	___ M ___
___ E ___	___ A ___
___ N ___	
___ H ___	
___ O ___	
___ R ___	
___ A ___	

Colaboração: **Aldício Silva Figueiredo**

PROBLEMA Daniel - Amós - Isaias - Abdias - Miqueias

Jonas - Oseias - Naum - Habacuc - Joel - Baruc - Ageu

Sofonias - Malaquias - Rute - Ezequiel - Jeremias - Zacarias

Quadrado: CATA - ACOR - COVA - ARAR
CHARADAS Combinadas: PA + RA + CU + TA + DA = PARACUTADA

O	M	N	B	V	C	X	Z	Z	S	L	S
E	Q	W	E	R	T	U	M	A	A	M	A
Y	X	D	X	M	U	R	T	F	R	N	F
I	O	I	O	I	O	I	O	I	O	I	O
P	X	Q	D	F	G	H	I	O	P		
V	Z	S	A	M	O	R	D	F	V		
I	J	I	O	P	X	Q	D	F	G	H	I
D	L	K	J	I	O	P	X	Q	D	F	G
A	U	M	A	A	M	A	A	M	A	A	M

11	A	R	U	A	O	C	O	R	O
10	A	N	A	L	M	E	D	A	
9	M	E	L	A	R	V	I	R	
8	I	R	A	O	C	A			
7	C	O	R	S	O	L			
6	A	M	A	R	L	M	I	N	A
5	A	R	A	R	A	R	A		
4	M	A	S	A	M	A			
3	O	R	A	L	A	R	A		
2	S	O	R	A	R	E	C	A	S
1									

SOLUÇÕES

Visita ao Irão

Agosto de 2015

Isfahan

Depois da visita ao Bairro Arménio, Jolfa, voltámos ao autocarro que nos deixou na Praça do Imame Naq- Shé-Djahan para a conhecer melhor.

Começámos a perscrutar as Mesquitas: Jameh, Imame ou Real e Sheik Lotfollah; depois, a Praça; e o Bazar-e Bozorg.

O nome Jameh ou Mesquita Congregacional remete para o dia do descanso muçulmano à Sexta-

Bazar, cujos danos foram penosos.

Depois, o do sul da era mongólica apresenta no «tecto» alvéolos, os quais formam uma espécie de «estalactites», muito elaborados, lindíssimos; azulejos nas paredes, e dois minaretes do século XV. Entrámos de seguida na sala de orações, e deparámos com a cúpula Nezam al-Molk, do tempo seljúcida.

O pórtico norte é o mais impo-

nente, não só pelas inscrições seljúcidas a testemunharem a fé, mas também por dar acesso à grande sala de orações. Aqui fomos recebidos por muitas colunas de tijolos e por muitas mais na sala anexa! Dentro da sala principal, apresenta-se a famosa cúpula Taj al-Molk, excepcional! É considerada a mais interessante abóbada de tijolo da

Continua na pág. seguinte



Praça do Imame Naq-shé-Djahan, encimada pela Mesquita do Imame ou Real



Iraniano testando a acústica da Mesquita do Imame



Pormenor da entrada da Mesquita do Imame



A entrada principal da Mesquita Jameh de Isfahan

Feira, nome pelo qual também é designada. Ora este local, onde se situa a Jameh, era anteriormente local de culto dos Zoroastrianos Sassânidas. Foi aqui então que se deu início à primeira Mesquita, no século XI, sob as ordens dos Seljúcidas com mais de 20000m². Tornou-se, pois, a maior do Irão ao longo dos tempos.

No século XII, um incêndio causou-lhe grande destruição, escapando intactas as duas cúpulas. A reconstrução operou-se de seguida em 1121, e prolongou-se pelos governantes sucessivos, os quais a acrescentaram e enriqueceram.

O acesso ao interior faz-se pelo Bazar. A penumbra do local não deixa prever a sua grandiosidade. Após os primeiros passos, foi um pasmo. Sucederam-se as surpresas, e alcançámos o grande pátio, centro da sua estrutura de corpo rectangular, com a fonte das abluções no meio e os quatro pórticos - norte, sul, este, oeste.

Entrámos pelo pórtico este, e começámos paulatinamente a olhar tudo: uma sala com colunas da época seljúcida; uma placa a dar conta das vítimas causadas por um míssil do Iraque durante a guerra com o Irão, o qual a afectou levemente, não se dizendo o mesmo do



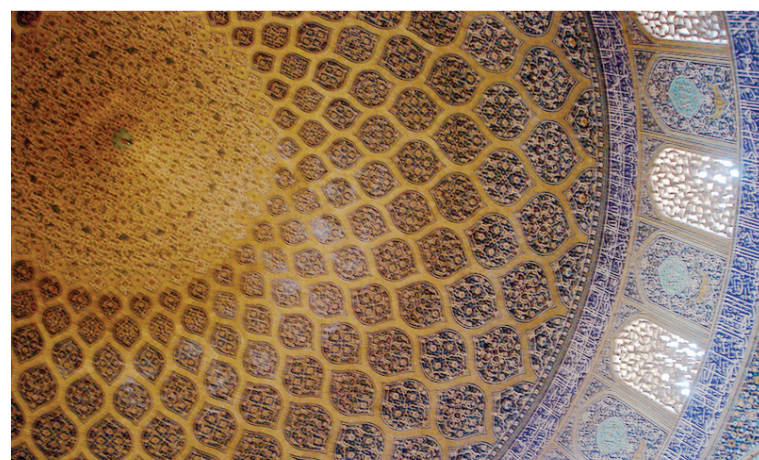
Miniaturas pintadas em osso de camelo



Bazar-e Bozorg - loja de artesanato iraniano



Célebre pintor iraniano de miniaturas



Cúpula da Mesquita do Sheik Lotfollah

Continuação da pág. anterior

Pérsia: pequena, mas matematicamente perfeita e incólume a alguns sismos, apesar dos seus 900 anos!

O pórtico oeste da era Safávida espelha a arte seljúcida na cerâmica que o reveste e na mestria dos seus desenhos geométricos. Seguidamente entrámos num pátio, onde se encontra a plataforma, donde se chamavam os fiéis para as orações.

Por aqui também se situam o chamado Quarto do Xiita Convertido e a Sala de Inverno do século XV, iluminada pela transparente clarabóia de alabastro.

Outra obra-prima da arquitectura da dinastia safávida é a Mesquita Real (Masjed-e Shah), apelidada assim antes da Revolução de 1979. Deve-se a Shah Abbas I, e situa-se no extremo sul da Praça Imame Naq- Shé-Djaha. As visitas a esta Mesquita são restritas. O seu todo forma um conjunto deslumbrante, quer na sua arquitectura, quer nos desenhos dos seus lindíssimos mosaicos azuis com florais e caligrafia delicada.

A fachada principal começou em 1611, e demorou quatro anos a terminar. Quando o monarca faleceu em 1629, a cúpula não tinha sido terminada. A sua estrutura apresenta um pátio com fonte para o ritual das abluções; quatro pórticos belíssimos na decoração, particularizada nas cores dos mosaicos de fundo azul e amarelo. A cúpula apresenta um fundo azul com flores em tom dourado; a sua altura interior é mais de 36m e a exterior atinge os 51m. O seu eco é extraordinário, dizem os peritos. Elegantes são ainda os dois minaretes de cor azul-turquesa sobre o portal da entrada.

Outra mesquita a visitar é a Sheik Lotfollah, situada na ala oriental da Praça, defronte do Palácio Ali Qapou. Foi erigida entre 1601 e 1619, no reinado de Shah Abbas I, mas sem a grandiosidade das anteriores por não se enquadrar na estrutura das mesquitas iranianas, faltando-lhe os minaretes e o pátio central. Esta omissão na estrutura diz que se deve à finalidade da sua construção, ou seja, não foi erigida para uso dos fiéis em geral, mas sim para culto das mulheres do harém do monarca.

Foi dedicada ao sogro de Abbas I, Sheik Lotfollah, um respeitado Libanês, versado no islão. Lá ensinava, na escola corânica (madrasah), e supervisionava a Mesquita.

A cúpula, marcante, muito por causa da cor clara dos mosaicos que a revestem, vai-se transformando em rosa, durante o dia, pronunciando-se mais ao cair da tarde. Só no topo impera a cor azul-turquesa de Isfahan e num ou noutro pormenor dos ramos da decoração.

A fachada da entrada faz jus às cores fortes dos mosaicos, dos melhores da era safávida. A ornamentação é belíssima, com arabescos, intrincados desenhos florais e

até visivelmente a cauda de dois pavões!

Do Portal de entrada à sala de orações, percorre-se um corredor em jogos de luz, que os azulejos vão espelhando. Na sala de orações, os mosaicos das paredes e do tecto realçam numa profusão de cores o azul-escuro, o amarelo, o branco e o azul-turquesa. Os raios de sol, penetrados pelas janelas, facilitam jogos de luz e sombra.

A Praça Naqsh-e Jahan ou «espelho do mundo» deve muito à visão do Shah Abbas I que a idealizou, em 1602, para a nova capital, cujo centro iria ser a jóia do império safávida. Por isso as suas dimensões, 512m de comprimento e 163m de largura, fazem dela a segunda maior do mundo a seguir a Tiananmen, na China.

Os monumentos grandiosos, no seu perímetro, transformam-na num verdadeiro Museu ao ar livre! Inicialmente praticava-se o jogo do pólo a cavalo, há 400 anos. Os artistas, nos ateliers do Bazar, recriam pacientemente aspectos deste antigo jogo e ainda os monumentos da Praça, em miniatura, sobre osso, tudo com tanto pormenor que causa espanto.

O bom senso tem mantido a Praça inalterável, excepto o acréscimo das fontes, que são do tempo dos Pahlavis, início do século XX, e de algumas lojas de souvenirs. Ao cair da tarde, abrem as fontes, depois, as luzes, e tudo se ilumina num cenário encantador ao qual se associam as famílias que se passeiam com as crianças descontraidamente.

A Praça e os monumentos à sua volta são Património Mundial.

O tempo livre passámo-lo no Bazar-e Bozorg ou Grande Bazar, obra também de Shah Abbas I. É um dos maiores e mais fascinantes do Irão. Através desse longuíssimo corredor de tecto arcado e de pequenas cúpulas que deixam passar a luz natural, passa-se à Praça ou à Mesquita Jameh.

Além das lojas de comércio, existem, naquele complicado labirinto, caravançarais, escolas corânicas e um número abundante de venda de tapetes persas. As entradas são muitas, mas a do Portal Qeysarieh do tempo do monarca Shah Abbas, a nordeste do extremo da Praça, é singular por ser uma peça de arte excepcional nos azulejos e frescos que a decoram, estes últimos recentemente restaurados. Descrevem cenas bélicas, de caça e de festa.

Não deixámos de visitar uma fábrica de tapetes persas. Num constante desenrolar de uns e de outros, os tapetes saíam da mão dos vendedores para o chão que rapidamente se cobria de seda, de lã, baralhando até os nossos olhos.

Daqui regressámos ao hotel para jantar e descansar.

*Texto: Maria Nadelete da Costa Lopes
Fotografias: Maria Ester Taveira*

Zona Associativa: **A Batela**

A associação com actividade mais regular em Melgaço vai criar uma equipa de Futsal

Diogo Castro assume há cerca de um ano e meio a Direcção da associação "A Batela", a associação de Alvaredo que em 2013 ressurgiu praticamente do zero. Fundada em 2005, nunca como agora a associação local de dinamização cultural se enraizara na sua comunidade.

Em 2013, a primeira reunião com o (à altura) vice-presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, decorreu em circunstâncias inusitadas. Convidado a visitar as condições da antiga escola Primária da freguesia, já planeada para servir de sede da associação, os jovens receberam o representante da autarquia tendo como único mobiliário "duas portas deitadas sobre dois cavaletes". "Era o que havia", diz Diogo Castro.

"Não havia nada", por isso, tiveram de conquistar tudo. "Havia que pintar o edifício e colocar janelas, por isso fomos angariar sócios pela freguesia. Foi assim que juntamos dinheiro – 1000 euros – para pintar a associação", conta.

A antiga escola, abandonada há oito anos, foi agora cedida à associação por 25 anos e foi alvo, no segundo semestre de 2015, de obras de remodelação e adaptação à nova realidade social da freguesia. Tem sala de convívio, sala de jogos, cozinha, casas-de-banho, e uma área para os mais pequenos.

Dos nove mil euros necessários à remodelação e equipamento das instalações, Diogo Castro garante que a autarquia só pagou "parte de uma factura", um valor na ordem dos 1500 euros, além do apoio na mão-de-obra. A Junta de Freguesia de Alvaredo assegura as despesas fixas, luz, água, internet. "O resto foi pago por fundos da associação, conseguido através dos sócios e actividades promovidas ao longo destes anos".



A sala de convívio e bar abre todos os dias das 21h às 00h e o amplo espaço serve para as aulas de ginástica que regularmente se realizam ali. Os cerca de 300 sócios, maioritariamente naturais de Alvaredo, reaproximaram-se com vontade associativa num momento em que "estavam a afastarem-se uns dos outros, muitos nem se viam no dia-a-dia", observa o presidente da associação.

São os torneios de sueca, torneio de Bilhar, a festa de Carnaval e de Páscoa que juntam a população mas são também algumas iniciativas menos regulares de juntam à volta da associação o interesse da comunidade associada.

A Festa do Tractor, que contemplará uma concentração de tractores na freguesia, promete criar impacto nas ruas já que esta é uma localidade que,

pela vocação agrícola, conta com um tractor em quase todas as casas.

As visitas ao Douro ou até à Galiza – planeada para o passeio de 2016 – tiram da monotonia a população associada. "Todas as Freguesias deviam ter uma associação a funcionar. Se não fosse nestes moldes, pelo menos uma vez, ao fim-de-semana", considera o presidente d'A Batela.

Porque a regularidade e a persistência atraem mais actividade, como revela Diogo Castro.

"Este ano vamos criar uma equipa de Futsal, para participar no Campeonato Distrital de Futsal para a época 2016/2017. Já tivemos reuniões para apoios, já estamos a trabalhar na equipa e já há jogadores em ensaios, por isso será para avançar".

João Martinho

A Caminho da Terra Santa – XXI

Descobrimo o 5º Evangelho - 15 a 25 de Setembro de 1968

Kibutz e Moshav



A Sra. D. Margarida Ribeiro, arqueóloga, a quem já me referi nestas crónicas a propósito da interpretação dos Lithrostotos, foi recebida em Telaviv, nos primeiros dias da nossa estadia em Israel, pelo general Dean, ministro da Defesa, o herói da "Guerra dos seis dias".

Após a visita, contava-nos essa Senhora: notei ao cumprimentar o general Dean, que a mão era calosa.

E ele observou a minha estranheza esclarecendo-me da razão dos calos: "Eu sou proprietário, faço parte duma cooperativa agrícola e trabalho as minhas terras".

Enquanto conversávamos sobre a vida social do povo israelita, em determinada ocasião, o guia, referindo-se ao *Kibutz* disse: "Há dois ministros do governo actual que são membros de *Kibutzim* (é o plural de *Kibutz*), e, quando lhes toda a vez servem os camaradas no refeitório comum".

O *Kibutz* e o *Moshav* são as organizações mais generalizadas da vida agrícola em Israel.

"Israel-1968" descreve o *Kibutz* desta forma: "aldeia comunal ou colectiva, dirigida por uma assembleia geral de membros. Todos os bens são propriedade

colectiva, e colectiva é a base de organização do trabalho. Como compensação por seu trabalho, os membros recebem moradia, alimentação, vestimenta e serviços sociais. Existem refeitórios, cozinhas e dispensas centrais; os jardins de infância e alojamentos das crianças são comunais, assim como os centros culturais e sociais. Moradias são individuais".

O meu leitor dirá, sem demora: mas isto é comunismo puro.

E eu respondo: porque é, a Rússia não reconhece esta organização agrícola como comunista.

A diferença quanto à organização é essencialmente esta; na Rússia parte tudo do Estado; no *Kibutz* a iniciativa e a realização parte do particular sem intervenção do Estado.

Na Rússia a administração é fiscalizada pelo Estado, no *Kibutz* pertence a uma assembleia geral de membros.

Há em Israel 230 *Kibutzim* e os habitantes de cada um variam de 60 a 2000 membros.

Vamos enquadrar, agora, neste conjunto, o *Kibutz* de Ayelet Haschar, que visitamos e onde almoçamos.

Como era hora de almoço começamos pelo restaurante. Devemos informar que este restaurante não é o da colectividade. Este é um restaurante com o qual o *Kibutz* faz receita para a sua organização. É, pois uma restaurante industrial. No exterior assemelha-se aos restaurantes suíços de junto dos lagos, sem arte nem preocupação de estilo.

É funcional e higiénico. Está bem dividido com salas airoas e flores em abundância.

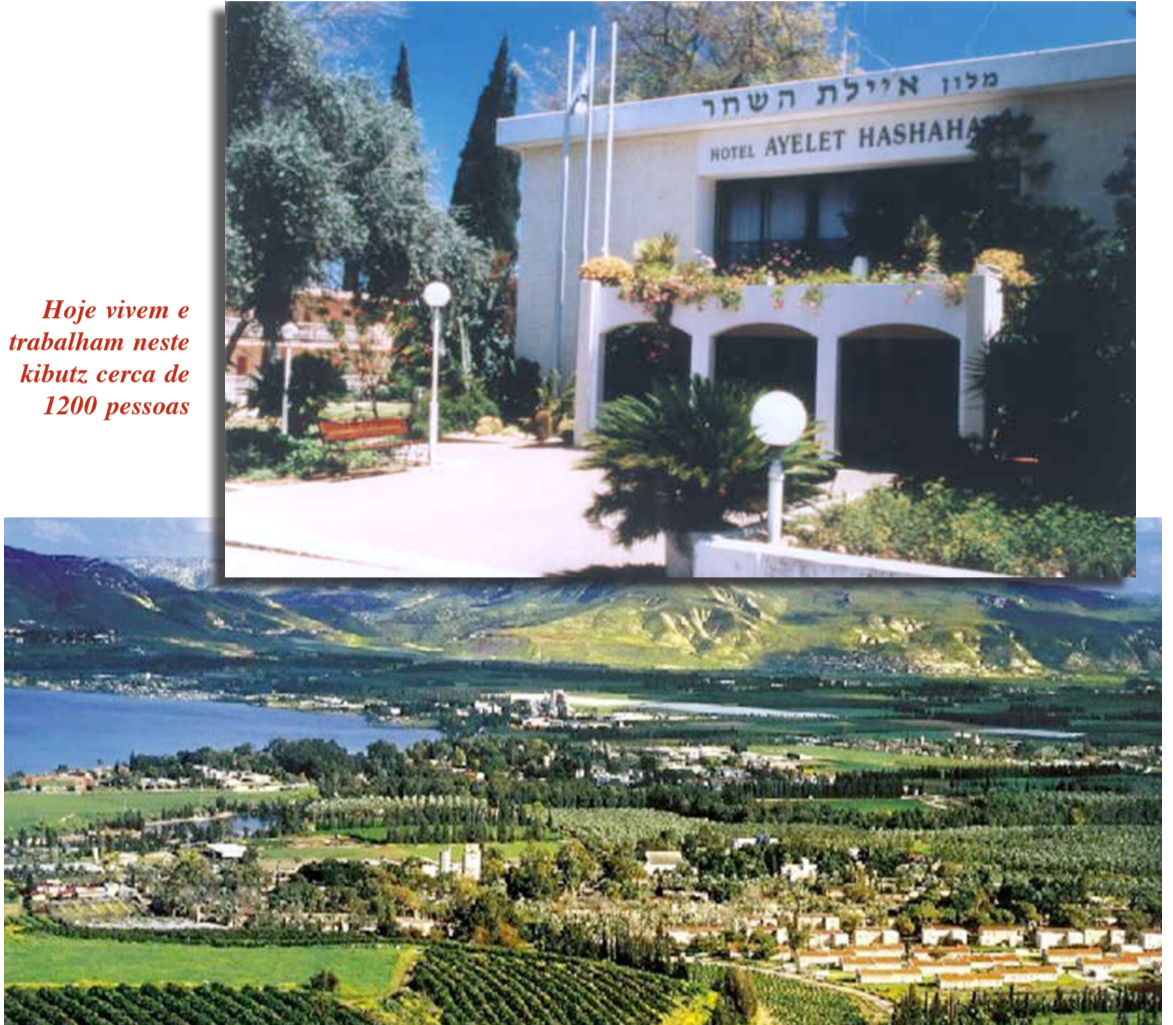
No dia em que ali almoçamos serviam 500 almoços.

Pareceu-nos ser local cobiçado pelos que amam um dia calmo em contacto com a natureza. A refeição é servida sem grandes demoras por raparigas do *Kibutz*, que se auxiliam mutuamente, e despacham os clientes com destreza e com um à-vontade normal.

Um responsável está no balcão, atento às bebidas que serve separadamente do almoço, que estava encomendado. As mesas são familiares.

No final visitamos o *Kibutz*. É uma grande herdade, tem

Hoje vivem e trabalham neste kibutz cerca de 1200 pessoas



400 habitantes, contando as crianças.

As casas de habitação – e de harmonia com os ocupantes familiares – são espalhados pela herdade entre relva e arvoredo.

Não falta a piscina, tem escolas privativas, tem organização infantil.

Percorremos os arruamentos do *Kibutz*. Ao nosso lado passam crianças bem vestidas e saudáveis.

Há café e cinema.

Chegamos ao refeitório comum. É sobre o comprido, praticamente um rectângulo.

Andam, ainda, a limpar a sala de fins de refeição. Começam as perguntas ao guia:

– Quem entra no *Kibutz*?

– Entra todo o judeu que quiser, seja qual for a parte do mundo em que se encontre.

– Como?

– Pede para ser admitido. A Assembleia admite-o a título de experiência durante uns meses longos, por vezes um ano.

Ele gostou a Assembleia também gostou?

É admitido.

– E se é, apenas uma pessoa?

– Tem habitações individuais.

– A alimentação, o vestuário...

A Assembleia do *Kibutz* que é eleita anualmente, dá-lhe tudo. O membro do *Kibutz* indica o que quer comprar. Vê o que lhe faz falta, compra e a Assembleia paga. Notamos que vestiam bem, e tinham uma apresentação sádia, os habitantes do *Kibutz* fosse qual fosse a idade.

Há, indubitavelmente, um nivelamento no vestir e no viver que é, aliás, também muito comum nos países europeus, sobretudo nórdicos.

O *Kibutz* mais antigo data de 1909.

Nós íamos fazendo luções para compreender essa realização comunitária, sabendo que o individualismo está com o próprio homem.

E encontramos, para nós, uma explicação. O judeu tem sido um perseguido, tem vivido isolado e errante. Chegou-lhe a hora de ter a sua Pátria e viver em paz.

O desejo de paz, o isolamento que o perseguiu e o sentido rático da sua existência dão-lhe as qualidades necessárias para a

vida comunitária, até porque não é imposta.

A outra organização agrícola de Israel é o *Moshav*, que "Israel-1968" descreve desta maneira: "aldeia cooperativa de pequenos proprietários, baseada nos princípios de ajuda mútua e de igualdade de oportunidades. Cada família possui e opera individualmente sua granja, mas a venda da produção, assim como a compra de provisões e equipamento são efectuados através de cooperativas centrais.

Parte das máquinas agrícolas são de propriedade comunal da aldeia. Sua assembleia geral elege um conselho, cuja principal função é a de administrar questões ligadas à transferência de propriedades e à admissão de novos membros".

Há 346 *moshavim* em Israel, cuja população varia de 100 para 1000 membros.

Dean, ministro da Defesa de Israel, é membro duma destas cooperativas, e trabalha a sua pequena propriedade.